



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA - PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA - MPB

PATRÍCIA VARANDAS VARGAS DE FARIA

ENTRE LINHAS E LEMBRANÇAS: A BIBLIOTECA CORA CORALINA COMO
CASA DE MEMÓRIA E PERTENCIMENTO PARA IDOSOS ATIVOS E INATIVOS
DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DA COMUNIDADE.

RIO DE JANEIRO

2026

PATRÍCIA VARANDAS VARGAS DE FARIA

**ENTRE LINHAS E LEMBRANÇAS: A BIBLIOTECA CORA CORALINA COMO
CASA DE MEMÓRIA E PERTENCIMENTO PARA IDOSOS ATIVOS E INATIVOS
DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DA COMUNIDADE.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Biblioteconomia (PPGB) no curso de Mestrado
Profissional em Biblioteconomia (MPB), da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro (UNIRIO) para Exame de Qualificação.

Área de Concentração: Biblioteconomia,
Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Gestão, Inovação e
Práticas Sustentáveis em Biblioteconomia

Candidata: Patrícia Varandas Vargas de Faria

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Castelo Branco
da Silva Melo.

RIO DE JANEIRO

2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

F224	Faria, Patrícia Varandas Vargas de Entre linhas e lembranças: a biblioteca Cora Coralina como casa de memória e pertencimento para idosos ativos e inativos da Fundação Municipal de Educação e da comunidade / Patrícia Varandas Vargas de Faria. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2026. 78f. Orientador: Kelly Castelo Branco da Silva Melo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, 2026. 1. Memória como construção social e identidade. 2. Leitura como prática emancipadora mediada. 3. Envelhecimento ativo às metas da agenda 2030. I. Melo, Kelly Castelo Branco da Silva , orient. II. Título.
------	---

PATRICIA VARANDAS VARGAS DE FARIA

**ENTRE LINHAS E LEMBRANÇAS: A BIBLIOTECA CORA CORALINA COMO
CASA DE MEMÓRIA E PERTENCIMENTO PARA IDOSOS ATIVOS E INATIVOS
DA FME E DA COMUNIDADE.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de
Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa
de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo (Orientadora) – Presidente
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono – Titular Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos – Titular Externo
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Profa. Dr. Cláudio José Silva Ribeiro – Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Angélica Conceição Dias Miranda – Suplente Externo
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

AGRADECIMENTOS

Ninguém chega a lugar algum sozinho. Portanto, o ato de expressar gratidão é um exercício de justiça àqueles e àquelas que me acompanharam não apenas na trajetória do mestrado, mas por toda a vida.

À Deus, cuja presença sempre me deu forças para prosseguir.

Ao meu marido, Mário Sérgio, pela amizade, amor, parceria, incentivo, por acreditar em mim e pela possibilidade deste trabalho.

Às minhas filhas, Marina e Isabela, pela paciência, pelos aprendizados (principalmente tecnológicos, risos) e por entenderem minha ausência neste momento.

À minha orientadora, Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo, por estender a mão no momento em que mais precisei nesta caminhada, pelas orientações e caminhos trilhados neste processo de reflexão e escrita, pela escuta carinhosa e pelos ensinamentos que me fizeram chegar até aqui.

Aos professores que generosamente aceitaram o convite para fazer parte da Banca Examinadora desta dissertação.

À querida amiga Elisabete Rosadas, pela revisão cuidadosa e sugestões que aprimoraram o texto. Você é muito especial para mim!

À amiga mineira Érica Fernanda, que encontrei nesta caminhada, que me acolheu quando não entendia muito da matéria, pois sou pedagoga, e que me fez rir mesmo nos momentos mais difíceis desta jornada.

Aos colegas das Bibliotecas que compõem o Sistema de Bibliotecas Populares de Niterói, pelo apoio e motivação, em especial Maria Lúcia Gonçalves e Fernanda Frambach.

Por fim, aos importantes e valorosos idosos participantes da Oficina de Artesanato, sujeitos desta pesquisa, que muito acrescentaram à minha vida com suas histórias e sonhos.

Sinceramente, muito obrigada.

“Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça” (Cora Coralina).

"Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir" (Cora Coralina).

RESUMO

Esta pesquisa investiga o papel da Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, em Niterói (RJ), como espaço de memória, afeto e pertencimento para idosos ativos e inativos da Fundação Municipal de Educação (FME) e da comunidade. O estudo tem como objetivo compreender de que modo as práticas literárias e artesanais desenvolvidas na biblioteca contribuem para a valorização das experiências de vida, a preservação da memória social e a promoção do envelhecimento ativo, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter colaborativo, que reconhece os participantes como protagonistas nos processos de criação e de compartilhamento de saberes. A coleta de dados ocorreu de forma contínua, por meio da observação participante, registros fotográficos e videográficos, fichas de inscrição, interações em redes sociais e trocas no grupo virtual “Entre Nós”, evidenciando o caráter dinâmico e afetivo das relações estabelecidas. Os resultados indicam a transformação da Biblioteca Cora Coralina em um território simbólico de convivência e expressão cultural, no qual leitura, arte e memória se entrelaçam, atribuindo novos sentidos ao envelhecimento. As oficinas de leitura e bordado, o projeto Entre Nós e o Café do Leitor fortaleceram o sentimento de pertencimento, a sociabilidade e a autonomia dos participantes, reafirmando a função social da biblioteca pública como espaço de inclusão, escuta e criação coletiva. Conclui-se que a Biblioteca Cora Coralina, ao integrar fios, palavras e lembranças, consolida-se como uma verdadeira casa de memórias e afetos, reafirmando o papel da biblioteca pública como agente cultural de transformação e de valorização da vida em todas as suas fases.

Palavras-chave: Biblioteca Pública; Idosos; Memória; Envelhecimento Ativo; Inclusão Social.

ABSTRACT

This research investigates the role of the Cora Coralina Municipal Popular Library, located in Niterói (RJ), as a space of memory, affection, and belonging for active and retired older adults from the Niterói Municipal Education Foundation (FME) and the local community. The study aims to understand how the literary and craft practices developed within the library contribute to the appreciation of life experiences, the preservation of social memory, and the promotion of active aging, in alignment with the Sustainable Development Goals (SDGs) of the 2030 Agenda. A qualitative approach was adopted, grounded in the methodology of collaborative cultural mediation, which recognizes participants as protagonists in the processes of creation and knowledge sharing. Data collection occurred continuously through participant observation, photographic and videographic records, registration forms, social media interactions, and exchanges in the virtual group *Entre Nós* ("Among Us"), highlighting the living and affective nature of the interactions. The results demonstrate the transformation of the Cora Coralina Library into a symbolic territory of coexistence and cultural expression, where reading, art, and memory intertwine to give new meanings to the experience of aging. Activities such as reading and embroidery workshops, the *Entre Nós* project, and the Reader's Café strengthened feelings of belonging, sociability, and autonomy, reaffirming the social role of the public library as a space of inclusion, listening, and collective creation. It is concluded that the Cora Coralina Library, by weaving together threads, words, and memories, has become a true house of affection and living memory, reaffirming the public library's role as a cultural agent of transformation and as a space that values life in all its stages.

Keywords: Public Library; Older Adults; Memory; Active Aging; Social Inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01	Oficina de Origami.....	33
Fotografia 02	A Biblioteca Cora Coralina viva: terceira idade e juventude...	35
Fotografia 03	Contação de histórias na Biblioteca Cora Coralina.....	36
Fotografia 04	Roda de Conversa.....	37
Fotografia 05	Jovens e Adultos da comunidade.....	37
Fotografia 06	Café com Leitor.....	38
Fotografia 07	Transformação da Biblioteca.....	50
Fotografia 08	Dona Ana: onde tudo começou.....	51
Fotografia 09	Alunos da Escola Estadual Pinto Lima.....	52
Fotografia 10	Leitores.....	53
Fotografia 11	Oficina de artesanato.....	54
Fotografia 12	Oficina de Artesanato com interação de idosos.....	54
Fotografia 13	Oficina de Artesanato.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FME	Fundação Municipal de Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PNSI	Política Nacional de Saúde do Idoso
SME	Secretaria Municipal de Educação
SSPET	Subsecretaria de Políticas Educacionais Transversais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	APONTAMENTOS PRELIMINARES.....	10
1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Objetivos.....	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	15
1.2	Justificativa	15
1.3	Metodologia.....	16
1.3.1	O Campo.....	18
1.3.2	Participantes	19
1.3.3	Coleta de dados	21
1.4.	Referencial teórico e estrutura	22
2	BIBLIOTECA PÚBLICA.....	27
2.1	Biblioteca pública e sociedade	30
2.2	Biblioteca pública municipal Cora Coralina	31
2.3	Biblioteca pública: memórias compartilhadas, encontros de gerações e resistência ao esquecimento	38
2.4	Discussão sobre etarismo: valorização dos idosos como agentes culturais e críticos do preconceito etário.....	45
2.5	A dimensão política da memória: narrativa, resistência e inclusão	46
3	A TRANSFORMAÇÃO.....	49
3.1	A Biblioteca Cora Coralina: antes do encontro com os fios da memória	49
3.2	Entre linhas e encontros: o nascimento de uma experiência compartilhada.....	50
3.3	Biblioteca Cora Coralina: depois, uma casa de todos	52
3.4	Produto.....	54
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS	59
	ANEXO A - Carta de apresentação de Mestrado para coleta de dados para pesquisa	65
	ANEXO B - Termos de cessão de uso de imagem para fim de pesquisa	66
	ANEXO C - Produções das Oficinas.....	72
	ANEXO D - Algumas fotos do livro de pano depois de editado.....	75

APONTAMENTOS PRELIMINARES.

Desde cedo, desenvolvi uma relação próxima com as histórias, o que despertou em mim o interesse por atividades criativas, como desenhar, escrever, criar cartas, imaginar mundos e até aprender a ver as horas de forma lúdica. As histórias e a arte sempre foram meu espaço de expressão mais autêntico, uma presença constante ao longo da minha vida. Reconheço que esse envolvimento nasceu, em grande parte, da influência dos meus avós, verdadeiros contadores de histórias que deixaram marcas profundas em mim. Inspirada por eles, passei a buscar algo que me trouxesse realização pessoal e profissional, e foi assim que escolhi a Pedagogia. Essa formação me permitiu refinar o olhar para as particularidades de cada pessoa, respeitar suas histórias, seus modos de aprender, e assim construir uma prática pedagógica mais humana, acolhedora e significativa.

Minha trajetória profissional sempre esteve dedicada ao ambiente escolar, com o propósito de criar condições favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem. Busquei, ao longo do caminho, pautar minha prática no respeito, na arte e no afeto, por acreditar que esses elementos são essenciais para construir laços de confiança com os alunos. Para mim, o aprendizado só se torna real quando há espaço para a criatividade e a autonomia, que considero pilares centrais de uma educação significativa.

O trabalho na Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina me proporcionou experiências profundamente marcantes. Foi ali que percebi como esses espaços podem ser tão significativos quanto a sala de aula na formação de pessoas. Na biblioteca, tive a oportunidade de me conectar intimamente com autores, explorar novas habilidades, como escrever, desenhar, pintar, bordar e até criar livros, ampliando meu olhar sobre o potencial criativo e formativo desse ambiente. Essa vivência desafiou a visão tradicional que associa bibliotecas apenas à pesquisa e ao silêncio. Passei, então, a compreender a biblioteca como um espaço dinâmico, vivo e cheio de possibilidades de expressão e aprendizado.

Com essa nova percepção sobre o papel das bibliotecas, desenvolvi diversos projetos ao longo do tempo. Em 2018, realizei o Projeto Cora Coralina com um grupo de senhoras artesãs, promovendo tardes literárias, bordados com frases da autora, troca de receitas e uma exposição final que celebrou tudo o que foi construído coletivamente. Já em 2019, trabalhei com outro grupo de senhoras em processo de

letramento, realizando uma releitura da obra *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti, a partir do tema dos sonhos. A partir dessas experiências, outros projetos também foram ganhando forma, envolvendo temáticas como Modernismo, Samba e Poesia, além da produção de diferentes tipos de artesanato.

A convivência na Biblioteca Cora Coralina me mostrou, com muita clareza, a importância de criar vínculos afetivos com os frequentadores, especialmente com aquelas pessoas que demonstravam maior solidão. Foi a partir dessa percepção que surgiram iniciativas como o “Café do Leitor”, um espaço pensado para promover a interação entre leitores de diferentes perfis. Todos contribuíam de alguma forma, seja na organização, na manutenção do espaço ou trazendo café e biscoitos para partilhar. Essa troca fez com que a biblioteca se tornasse um ambiente ainda mais acolhedor, vivo e interativo.

Hoje, tenho orgulho de dizer que a Biblioteca Cora Coralina oferece uma programação diversa e sensível às necessidades da comunidade, com atividades como:

- Oficina de Artesanato “Entre Nós”
- Roda de Conversa 60 up
- Biblioteca vai à Escola
- Cine Cora
- Oficina de Origami
- Lançamento de Livro
- Dia dos Jogos

Essas ações reforçam, para mim, a certeza de que a biblioteca é muito mais do que um lugar de livros, é um espaço de encontros, de memórias e de ricas trocas culturais. Acredito na biblioteca como um ambiente vivo, pulsante, construído por e para todos, onde cada pessoa pode se sentir acolhida, representada e parte de algo maior.

1 INTRODUÇÃO.

A Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina se destaca por suas iniciativas inovadoras direcionadas especialmente ao público idoso, com ênfase nos aposentados e ativos da Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME/Niterói), promovendo experiências literárias e atividades artesanais que enriquecem a vida desse grupo. Este estudo investiga, a partir das experiências dessa biblioteca, como as bibliotecas públicas podem desenvolver estratégias eficazes para proporcionar vivências enriquecedoras aos idosos, preservando memórias e promovendo recordações significativas, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Para além de seu papel funcional, a biblioteca é aqui concebida como território simbólico, lugar de memória e significação social, conforme defendido por Paiva (2015). Nesse espaço, os sujeitos constroem vínculos, ressignificam experiências e afirmam sua identidade por meio de práticas coletivas e afetivas que superam o modelo tradicional de biblioteca como repositório neutro de informação.

Conforme destaca Sposito (2015), há certa falta de entusiasmo pela leitura entre os idosos, o que revela a importância de se compreender os fatores que moldam essa realidade para adaptar práticas que realmente engajem e interessem esse público. Dessa forma, ao oferecer como alternativas atividades literárias envoltas em outras práticas mais atrativas para esse público, como, por exemplo, as artesanais, as bibliotecas têm a oportunidade de não só estimular o prazer pela leitura, mas também fortalecer o vínculo dos idosos com a instituição e entre si, tornando-se um espaço de vida para essas pessoas, de vivência de cultura, compartilhamento e construção de memória e pertencimento, um aspecto essencial para o envelhecimento ativo e satisfatório.

Além do valor cultural, essas práticas promovem benefícios cognitivos e emocionais, fundamentais para o bem-estar dos idosos. As atividades de artesanato, por exemplo, vão além de uma expressão artística; elas também incentivam a autonomia financeira e a realização pessoal, contribuindo para uma vida mais ativa e gratificante. Assim, a Biblioteca Cora Coralina atua como um espaço essencial de promoção da autonomia, da socialização e da preservação de memórias, ao mesmo tempo em que se alinha às diretrizes da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.

A busca por atividades significativas, como o artesanato, ressalta a importância de bibliotecas oferecerem opções diversificadas de experiências, que contribuam positivamente para a qualidade de vida na maturidade, estimulando habilidades motoras e cognitivas e promovendo satisfação pessoal e realização.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão-problema: como as bibliotecas públicas, como a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, podem desenvolver e implementar estratégias eficazes para promover experiências que enriquecem a vida dos idosos, preservando a memória e promovendo lembranças significativas e pertencimento? Além disso, qual o impacto dessas práticas na inclusão social, na valorização cultural e no bem-estar dos idosos, alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030? Para responder a essa questão, é essencial investigar como as bibliotecas públicas podem ser adaptadas para atender melhor às necessidades e aos interesses desse público. A promoção de atividades criativas e de interação social tem um papel fundamental no desenvolvimento social dos idosos, e estratégias que incentivam a participação ativa e o compartilhamento de experiências são cruciais para alcançar esse objetivo.

Assim, esta pesquisa busca fornecer uma compreensão aprofundada de como as bibliotecas públicas podem se transformar em espaços de experiência e pertencimento para os idosos, contribuindo para a preservação da memória social e a promoção de uma vida mais enriquecedora e significativa.

Recentes pesquisas vêm destacando o papel essencial das bibliotecas públicas como agentes promotores de inclusão social e cidadania, especialmente para a população idosa. Ao oferecer atividades culturais, como oficinas de artesanato e mediação de leituras, essas instituições contribuem para o desenvolvimento social e o fortalecimento da qualidade de vida dos participantes. No entanto, observa-se uma lacuna na literatura quanto ao impacto específico das atividades artesanais na preservação da memória cultural e na inclusão social dos idosos, demonstrando a necessidade de investigações aprofundadas sobre esse tema.

Diversos estudos indicam o papel fundamental das bibliotecas na inclusão social dos idosos, destacando o artesanato como uma atividade relevante. Nunes e Thomazi (2016) observam como bibliotecas municipais promovem a cidadania por meio de atividades culturais, como aulas de artesanato, que favorecem o engajamento dos idosos. Entretanto, falta investigar o impacto específico do

artesanato na preservação da memória cultural e no fortalecimento dos laços sociais entre idosos e a comunidade. (Martins, *et al.*, 2016) mencionam uma mudança de paradigma nas bibliotecas públicas, que agora incluem ações como incentivo à leitura e ao artesanato, embora não haja registros claros sobre os efeitos dessas práticas na vida dos idosos.

Santos, Ribeiro (2019) aponta a importância de oficinas de artesanato em bibliotecas estaduais para a inclusão dos idosos, mas não exploram a fundo os impactos emocionais dessas atividades. Do mesmo modo, (Cavalcante, 2011) discute o artesanato como promotor de inclusão social, mas sem aprofundar os efeitos dessa prática na memória cultural dos participantes. Estudos recentes, como o de (Simões, Borges 2021), associam o artesanato à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), a inclusão social, ainda que sem detalhar a conexão cultural entre idosos e comunidade.

Silva, Silva, Freitas, (2020) e Rasteli (2013) ressaltam a importância das bibliotecas na socialização dos idosos, mas sem uma análise abrangente dos efeitos emocionais e culturais do artesanato.

Assim, embora a literatura atual aborde a inclusão dos idosos, existe uma lacuna importante na compreensão do artesanato como ferramenta de preservação de memórias culturais. Investigações futuras poderiam esclarecer o papel desse recurso na integração cultural e na preservação do patrimônio, posicionando as bibliotecas públicas como agentes ativos de memória e inclusão social.

1.1 Objetivos.

1.1.1 Objetivo Geral.

Investigar o papel das bibliotecas públicas na promoção de experiências significativas para a população idosa, com ênfase nas práticas literárias e nas atividades artesanais enquanto recursos de potencial terapêutico, social e cultural. Busca-se compreender de que modo essas ações contribuem para a valorização da memória viva, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, para o reconhecimento da pessoa idosa e para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pela Agenda 2030.

1.1.2 Objetivos Específicos.

- a) Refletir sobre o papel da biblioteca pública como espaço de inclusão, agente de apoio informacional e como ambiente de lazer voltado ao bem-estar dos idosos.
- b) Evidenciar como a relação dos idosos com a biblioteca pode ser fortalecida por meio da oferta de oficinas literárias e artesanais que favoreçam o sentimento de pertencimento, estimulem a autonomia e o protagonismo nas práticas culturais.
- c) Investigar como as atividades desenvolvidas contribuem para a valorização da memória viva, a expressão cultural e a criação de vínculos afetivos, resultando na produção coletiva de registros significativos, como o livro de bordados com histórias dos participantes.
- d) Analisar de que modo essas experiências impactam a inclusão social, o bem-estar e a construção de sentidos na velhice, alinhando-se aos princípios da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.

1.2 Justificativa.

A presente pesquisa tem como objetivo explorar a relevância das experiências e memórias na promoção do bem-estar e da inclusão social, especialmente no contexto do envelhecimento populacional e das metas de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030. A memória é aqui concebida como um elemento estruturante da coesão social e da continuidade intergeracional, funcionando não apenas como preservação e compartilhamento de informações, mas como fundamento simbólico de construção e fortalecimento da identidade individual e coletiva (Melo, 2018).

Nesse sentido, práticas que valorizam a memória e constroem experiências significativas revelam-se fundamentais para o envelhecimento ativo, promovendo vínculos sociais e ressignificando vivências. Bibliotecas e instituições culturais assumem papel central nesse processo: mais do que repositórios de documentos, são territórios simbólicos, afetivos e culturais, que preservam e ativam o patrimônio coletivo (Latour, 2012).

A Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, campo empírico desta

pesquisa, exemplifica esse papel ao articular práticas culturais e o que aqui se chama “ações de memória”, promovendo pertencimento e continuidade entre gerações. A leitura, compreendida como uma prática social e interativa, é ferramenta de emancipação. Conforme o Plano Nacional do Livro e Leitura (Brasil, 2021), os maiores obstáculos à formação leitora não são apenas de acesso, mas também da ausência de práticas que aproximem os sujeitos da leitura de forma significativa. A baixa frequência de leitura no Brasil, como evidenciado por pesquisas como Retratos da Leitura (Failla, 2004), é reflexo das desigualdades socioeconômicas e da ausência de políticas culturais efetivas.

Nesse cenário, as bibliotecas públicas devem atuar como espaços de democratização da leitura, formação cidadã e preservação da memória social. O envelhecimento ativo, sustentado por memórias compartilhadas e experiências significativas, está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, ao promover o senso de pertencimento, a redução de desigualdades e a valorização das diversidades culturais. Ao destacar o papel das bibliotecas e de seus profissionais como agentes de promoção da leitura e da cultura, esta pesquisa aponta caminhos para práticas inclusivas que articulam memória, leitura e expressões identitárias, contribuindo para a construção de sociedades mais justas, sensíveis e plurais.

Dessa forma, esta investigação reafirma a importância das bibliotecas públicas como catalisadoras de convivência intergeracional, de transmissão de saberes e de preservação do patrimônio imaterial, promovendo o bem-estar da população idosa e o fortalecimento de comunidades mais coesas.

1.3 Metodologia.

As oficinas realizadas no âmbito desta pesquisa foram desenvolvidas com intensa participação dos idosos, que atuaram na definição dos temas, formatos e materiais, reafirmando sua autonomia e respeitando seus repertórios culturais. Essa escolha metodológica está alinhada a uma abordagem qualitativa de caráter colaborativo, conforme proposta por Paiva (2015), que valoriza a participação ativa dos sujeitos e reconhece sua centralidade na construção das atividades e dos significados atribuídos às experiências vividas.

A pesquisa se configura, assim, como um processo coletivo de produção de

conhecimento, orientado pelo princípio da escuta e do compartilhamento de experiências em torno de um objeto comum, neste caso, a criação e condução de dispositivos culturais intergeracionais que emergem do encontro entre diferentes saberes. A colaboração, nessa perspectiva, é entendida não apenas como estratégia metodológica, mas como modo de existência política e ética na pesquisa, permitindo a convivência e a articulação entre os objetivos científicos do pesquisador e os propósitos socioculturais dos participantes.

Fundamentado em uma perspectiva transdisciplinar e dialógica, este estudo busca compreender as interações entre o pesquisador, o território e os sujeitos que o habitam. Essa perspectiva investigativa aproxima-se das reflexões de Nicolescu (1999), ao destacar que a transdisciplinaridade requer, de um lado, uma postura de pesquisa pautada pela paciência e pelo aprofundamento teórico e, de outro, a capacidade de agir de maneira ágil diante das demandas concretas do território. Trata-se, portanto, de um movimento articulado entre teoria e prática, que se constrói no tempo e nas experiências vivenciadas coletivamente. A construção do processo investigativo, portanto, não é linear, mas acontece “ao andar pelo caminho”, em consonância com a ideia de que “o homem é feito daquilo que ele faz”. Nesse percurso, os sujeitos não são tratados como objetos de investigação, mas como criadores de conhecimento e cultura, cujas práticas estão enraizadas na memória coletiva e nas dinâmicas sociais do espaço público.

Como destaca Vigotski (2000), o conhecimento é produzido na relação com o outro, e é essa interlocução que possibilita romper com a cisão entre o saber acadêmico e os saberes cotidianos. A metodologia colaborativa, assim, opera na fronteira entre teoria e prática, entre ciência e vida, entre pesquisador e comunidade, abrindo espaços discursivos plurais e reconhecendo a legitimidade dos diferentes campos de atuação.

Esse movimento de valorização da multiplicidade e da heterogeneidade está em sintonia com a reflexão de Favaretto (2012), ao afirmar que, diante da indeterminação contemporânea, é preciso afirmar a multiplicidade como potência da experiência. O autor propõe uma escuta sensível ao que se dá “entre”, no atravessamento de signos e práticas heterogêneas, como forma de compreender a experiência contemporânea não pela totalidade, mas pela transversalidade. Dessa forma, a pesquisa colaborativa não apenas reúne atividades práticas e investigação teórica, mas compreende essas instâncias como categorias em constante tensão e

reelaboração. A produção de conhecimento se dá na intersecção entre o fazer e o refletir, entre o agir e o narrar, sendo o campo não apenas espaço empírico, mas também epistemológico. É essa dinâmica, entre teoria e prática, entre sujeito e território, que possibilita a emergência de novos conhecimentos teórico-práticos e fortalece a práxis como ação reflexiva e reflexão ativa.

1.3.1 O Campo.

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, localizada no município de Niterói (RJ), vinculada à Secretaria Municipal de Educação por meio da Fundação Municipal de Educação (FME). A instituição integra o sistema de bibliotecas populares do município e desenvolve atividades voltadas à promoção da leitura, cultura e convivência comunitária.

A partir de 2022, após o período de suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia de COVID-19, a biblioteca passou por mudanças no perfil de seus frequentadores. Se anteriormente atendia principalmente crianças e pessoas idosas, passou a receber também estudantes de escolas próximas, trabalhadores, candidatos a concursos públicos e moradores da região. Essa diversificação do público influenciou a organização das atividades oferecidas.

Entre as ações desenvolvidas destacam-se oficinas de artesanato, oficinas de origami, rodas de leitura, rodas de conversa, sessões do projeto “Cine Cora”, visitas guiadas e projetos voltados à memória.

O trabalho empírico desta pesquisa teve início em 2018, a partir das oficinas de artesanato realizadas na biblioteca, que eram voltadas principalmente para pessoas idosas, aposentadas ou ainda em atividade profissional, muitas vinculadas à Fundação Municipal de Educação de Niterói. O grupo era composto majoritariamente por mulheres.

A primeira oficina de bordado e leitura foi iniciada em 2018, com encontros semanais às terças-feiras, das 14h às 16h, neste momento, organizada em ciclos semestrais. As atividades envolviam produção de bordados associada à leitura compartilhada de poemas de Cora Coralina.

Em 2019 foi iniciada uma segunda oficina, também realizada às terças-feiras, das 14h às 16h, com duração aproximada de oito meses. Nesse período foi realizada a leitura do conto A Moça Tecelã, de Marina Colasanti, seguida da

produção de bordados temáticos. Os trabalhos produzidos foram reunidos em um livro de pano coletivo. Nessa fase, o grupo era composto exclusivamente por mulheres com idades entre 50 e 75 anos.

Durante o ano de 2020, devido à pandemia de COVID-19, as atividades presenciais foram suspensas. As ações passaram a ocorrer em formato remoto, por meio de redes sociais e encontros on-line realizados, em sua maioria, às terças-feiras.

Foram promovidas contações de histórias, rodas de leitura virtuais, compartilhamento de receitas e encontros denominados “Cafés com Poesia”. A comunicação entre os participantes foi mantida por meio do grupo virtual. Em 2022, foi criado um grupo virtual na plataforma WhatsApp denominado “Entre Nós”, utilizado para comunicação entre os participantes e para a organização de atividades.

Em 2023 foi realizado o projeto “Samba e suas Poesias”, envolvendo pesquisa temática, debates e produção de materiais. Em 2024 foi desenvolvido o projeto “A casa é sua, a casa é nossa”, que incluiu reorganização de ambientes, criação do espaço “Café do Leitor”, formação da “Confraria dos Leitores” e organização de uma sala destinada a estudos individuais.

De modo geral, o campo empírico caracteriza-se como um espaço público de convivência cultural, com encontros semanais regulares, participação majoritária de pessoas idosas e desenvolvimento contínuo de atividades de leitura e produção artesanal ao longo do período de 2018 a 2024. Cabe ressaltar que todas essas atividades eram desenvolvidas num período de 6 a 8 meses permitindo o crescimento do grupo e o fortalecimento dos vínculos. Isso fazia com que os participantes participassem regularmente das atividades.

1.3.2 Participantes.

Os participantes da pesquisa são, em sua maioria, pessoas idosas, incluindo tanto indivíduos aposentados quanto ativos vinculados à Fundação Municipal de Educação de Niterói. Esse público é composto por moradores do centro e de diferentes bairros da cidade, como Icaraí, Santa Rosa e Fonseca, além de regiões próximas à biblioteca e da cidade vizinha de São Gonçalo.

Também integram o grupo pessoas interessadas em participar de atividades

gratuitas para ocupação do tempo, alunos da escola estadual localizada em frente à biblioteca, bem como frequentadores interessados em leitura e artesanato que utilizam regularmente a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina.

As atividades da oficina de artesanato inicialmente ocorreram na sala infantil que fica dentro da biblioteca. Essa sala específica estava sempre cheia de livros para crianças, além de bonecas de pano e outros brinquedos, criando um ambiente criativo e alegre para qualquer pessoa.

Embora o silêncio seja geralmente esperado nas bibliotecas, esse espaço específico permitia a conversação e promovia interações espontâneas entre os participantes.

A pesquisa foi realizada em um ambiente projetado para incentivar a interação e a criatividade por meio de sua configuração e estrutura de atividades.

No primeiro momento, em 2018, a pesquisa envolveu uma única mulher (Dona Ana), que passava as tardes no interior da biblioteca, ora lendo poesia, ora bordando. Diante de uma conversa obtida entre a pesquisadora e essa senhora, descobriu-se que ambas adoravam artesanato e livros. Foi resolvido então que uma oficina de artesanato teria início. A partir desse momento, funcionários da biblioteca e a pesquisadora, abordaram os poucos indivíduos que já frequentavam a biblioteca, convidando-os a participarem das oficinas. Para expandir o alcance, foi impresso uma pequena propaganda para ser distribuída nos prédios arredores e nos comércios locais. Foi também colocado no registro de presença da biblioteca e em sua rede social (Facebook), permitindo que pessoas de outros espaços da cidade tomassem conhecimento das atividades.

A oficina teve início toda terça-feira com início às 14h e término às 16h, com sete participantes, sendo todas mulheres idosas, aposentadas, do lar, com níveis educacionais variados. As diferenças entre as participantes enriqueceram as interações do grupo, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo onde diferentes experiências e conhecimentos foram compartilhados.

Com o boca a boca a respeito da oficina, foram chegando mais pessoas, pessoas de todas as idades interessadas na inscrição. Foi necessária a abertura de mais um horário de oficina (terça-feira, das 10h às 12h) para poder atender a todos os interessados.

Em 2021, chegou seu José, senhor de 70 anos que atuava nos serviços gerais da Fundação Municipal de Niterói, pessoa calada, com sorriso pequeno, que

resmungava pelos cantos por ter pouco estudo, mas uma pessoa com uma grande sabedoria e um grande origamista. Ele se juntou ao grupo para trocar experiências. Logo, começou a ensinar a arte. De boca em boca, a notícia se espalhou e apareceu um grupo de cinco alunos da Escola Estadual Pinto Lima, interessados em aprender. O grupo de artesanato começou a crescer em número e aprendizados, precisando trocar de sala, não sendo possível usar mais a sala infantil. O artesanato passou a ser realizado no salão principal da biblioteca.

Em 2024, a oficina de artesanato contava com 18 a 20 pessoas, na faixa etária de 15 a 85 anos, com encontros semanais às terças-feiras, de 10h às 12h. A lista de frequência da biblioteca neste ano contava com 30 a 40 pessoas diariamente.

1.3.3 Coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada de forma contínua ao longo das oficinas de leitura e artesanato desenvolvidas na Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, no período compreendido entre 2018 e 2024.

Trata-se de uma investigação de natureza empírica, com acompanhamento sistemático das atividades e das interações estabelecidas entre as participantes.

O processo de coleta ocorreu de maneira integrada às práticas desenvolvidas nas oficinas, considerando tanto os registros formais quanto os materiais produzidos durante as atividades.

Foram utilizados os seguintes instrumentos e fontes de dados:

- Registros publicados nas redes sociais da biblioteca, utilizados para divulgação das ações, o que tornou possível observar a repercussão das atividades;
- Fichas de inscrição e registros de presença das participantes, que forneceram dados sobre perfil etário, vínculo institucional e tempo de permanência nas oficinas;
- Comunicações realizadas por meio do grupo virtual “Entre Nós”, na plataforma WhatsApp, empregado para organização das atividades e troca de informações entre as participantes;
- Registros fotográficos e videográficos produzidos ao longo das oficinas,

documentando as etapas das atividades, as leituras compartilhadas e a produção dos trabalhos manuais.

Cabe informar que além dos registros documentais, o próprio desenvolvimento das oficinas foi considerado fonte de dados. As leituras coletivas de textos literários, como o conto *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti, tornaram possível observar manifestações relacionadas à memória, interpretação e participação das integrantes. As atividades artesanais, incluindo a produção do livro de pano coletivo e outros objetos confeccionados durante os encontros, permitiram analisar aspectos como interação do grupo, cooperação e permanência nas atividades. A observação das dinâmicas semanais, realizadas às terças-feiras, nos horários estabelecidos para as oficinas, contribuiu para a compreensão dos vínculos estabelecidos entre as participantes e do papel da biblioteca como espaço de convivência cultural. Assim, a coleta de dados não se limitou ao registro descritivo das atividades realizadas, mas foi conduzida de forma articulada à dinâmica das oficinas, por meio da observação participante e do acompanhamento sistemático dos encontros. A inserção contínua no campo possibilitou analisar as interações estabelecidas entre as participantes, bem como os sentidos atribuídos às práticas desenvolvidas no espaço da biblioteca.

A partir desse acompanhamento, foi possível identificar elementos relacionados à memória social, às trajetórias de vida das participantes e às formas de utilização do espaço bibliotecário. A análise considerou as manifestações expressivas observadas durante as leituras, as produções artesanais e as interações grupais, permitindo compreender como as atividades contribuíram para a consolidação de vínculos e para a permanência das participantes nas ações propostas. Desse modo, a coleta de dados permitiu não apenas documentar as atividades desenvolvidas, mas também examinar mudanças nas dinâmicas de participação, nas formas de interação interpessoal e na maneira como as participantes se inseriram nas práticas coletivas promovidas pela biblioteca.

1.4. Referencial teórico e estrutura.

A presente pesquisa se desenvolveu tendo como base os seguintes conceitos: Biblioteca Pública, Etarismo, memória, narrativa, resistência e inclusão. Iniciando com o capítulo sobre Biblioteca Pública (seção 2), os principais autores

utilizados foram: Teixeira Coelho (2008) - ao refletir sobre práticas culturais, ressalta que a biblioteca, quando comprometida com essas práticas, deve ultrapassar a simples difusão de conteúdos consagrados e abrir espaço para a criação, a participação e a ressignificação cultural pelos sujeitos - ; Milanesi (2002) - defende que a biblioteca pública, ao assumir seu papel de agentes de práticas culturais, amplia sua missão institucional e passa a atuar como agente de transformação social, especialmente em contextos de desigualdade - ; Etelvina Lima (1982) – conceitua as bibliotecas populares como modalidades de bibliotecas públicas voltadas às populações menos favorecidas, destacando seu compromisso com a inclusão social e a justiça cultural - ; Paulo Freire (1989) - fundamenta a perspectiva emancipadora do ato de ler, articulando a “leitura da palavra” à “leitura do mundo”, visão que inspira práticas de mediação crítica em bibliotecas públicas - ; Vilém Flusser (1983) - ao propor a ideia da “Biblioteca-Centro Cultural”, defende que a instituição deve se voltar ao “não-público” (os excluídos do acesso), reposicionando a biblioteca como espaço de criação, escuta e transformação cultural - ; Silva (2017) e Santos, Oliveira (2020) - atualizam o debate ao apontar que a biblioteca pública, no contexto contemporâneo, deve assumir funções ligadas à inclusão digital, à formação leitora e ao fortalecimento de vínculos comunitários, tornando-se centro de apoio à comunidade. Esse conjunto de autores ancora o argumento central de que a biblioteca pública deixou de ser apenas um repositório de livros e transformou-se em um espaço vivo de práticas culturais, de promoção da cidadania e de valorização da diversidade. Suas ideias fundamentam tanto a crítica aos modelos tradicionais e excludentes, quanto a defesa de práticas mais participativas, dialógicas e emancipatórias.

Ainda orbitando o conceito de Biblioteca pública, porém articulando-o um pouco mais com os aspectos sociais e políticos, seção 2.1, intitulada “Biblioteca Pública e Sociedade”, aborda tanto o processo histórico de emergência das bibliotecas públicas no Brasil quanto suas contradições estruturais e sociais. Os principais autores utilizados foram: Suaiden (1978) - registra a criação da primeira biblioteca pública no Brasil (1811), destacando o modelo de financiamento baseado em assinaturas e doações, além do conceito de “biblioteca disfuncional” no contexto brasileiro, ao apontar que muitas bibliotecas públicas assumiram uma função escolarizada, afastando-se de sua vocação comunitária; Oliveira (1994) - analisa o caráter elitista das primeiras bibliotecas, concebidas como iniciativas da elite letrada,

e enfatiza a limitação do acesso por fatores sociais, linguísticos e estruturais. Destaca também a expansão de bibliotecas públicas e populares entre o final do século XIX e início do XX, situando historicamente o papel da instituição; Achilles (2018) discute os mecanismos de exclusão presentes nas bibliotecas, evidenciando como pessoas escravizadas, mulheres e outros grupos marginalizados foram historicamente afastados do acesso à informação. Também aponta os impactos da censura durante a ditadura militar no papel das bibliotecas como espaços de produção cultural; Achilles; Gonçalves e Peixoto (2022) retomam o conceito de “biblioteca disfuncional” e aprofundam o debate sobre a orientação escolarizada das bibliotecas públicas brasileiras, problematizando sua efetividade e relevância social frente à comunidade - IFLA/UNESCO (2003) traz a perspectiva internacional e normativa sobre o papel social das bibliotecas, ressaltando que a ausência de representatividade das comunidades e da diversidade cultural brasileira tem gerado um sentimento de não pertencimento em relação a esses espaços; e Gonçalves (2023), aprofunda a crítica à biblioteca pública brasileira contemporânea, apresentando-a como um “não-lugar” quando não acolhe as vozes e práticas das classes populares, povos indígenas e minorias, reforçando o distanciamento entre instituição e comunidade.

A seção do 2.2 fala sobre a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina e o Sistema de Bibliotecas Populares de Niterói. O texto está estruturado a partir de fontes institucionais, documentos oficiais e registros históricos locais, A narrativa se ancora em políticas públicas municipais e em dados fornecidos pela própria Secretaria Municipal de Educação (SME) e pela Fundação Municipal de Educação (FME) de Niterói, instituições diretamente responsáveis pela concepção, implementação e manutenção do sistema. A seção se baseia fundamentalmente em documentos e registros oficiais da SME e da FME de Niterói, que descrevem a criação e o desenvolvimento do sistema de bibliotecas populares.

Do ponto de vista acadêmico, o diálogo com autores como Suaiden (1978), Milanesi (2002), Teixeira Coelho (2008) e as diretrizes da IFLA (De masi, 2000). A UNESCO (2003) fornece o respaldo conceitual para compreender a biblioteca como política pública de inclusão, ações socioculturais e fortalecimento comunitário.

A seção 2.3 discorre sobre as visões de/a biblioteca, e tem como autores fundamentais: Bosi (1994), Halbwachs (1990), Nora (1993), Benjamin (1987), Dodebei e Gouveia (2008), Dodebei, Faria, Gondar (2016), Le Goff (1990), Pollak

(1992), Meneses (2003) no eixo memória, identidade e pertencimento; De Masi (2000), Ordine (2016), Viana (2021), Hanashiro e Pereira (2020), envelhecimento, etarismo e ócio criativo; e IFLA/UNESCO (2003), Brasil (2021), Brasil (2025), Relatório Lalonde (1974), Carta de Ottawa (1986), Agenda 2030 (ONU) no eixo políticas públicas e diretrizes.

Na seção do 2.4, que versa sobre etarismo, valorização dos idosos e ócio criativo, os autores principais são: Viana (2021) discute o etarismo como preconceito baseado na idade, ressaltando sua dimensão universal e a gravidade que assume diante do envelhecimento populacional global. Contribui para a compreensão da necessidade de políticas que enfrentem tal discriminação; Hanashiro e Pereira (2020) abordam as especificidades terminológicas do etarismo no Brasil, trazendo nuances do conceito e contribuindo para o debate sobre como o preconceito etário se manifesta no contexto nacional, Domenico De Masi (2000) introduz o conceito de ócio criativo, compreendido como uma forma de ressignificar o tempo livre, integrando lazer, trabalho e estudo. Sua contribuição é central para pensar a velhice como período fértil de produção cultural, intelectual e criativa, rompendo com estigmas de inutilidade; Nuccio Ordine (2016) oferece uma crítica à lógica produtivista e utilitarista que desvaloriza saberes não ligados ao lucro imediato. Sua noção da “desertificação do espírito” dialoga diretamente com a proposta de De Masi, reforçando a importância de valorizar o conhecimento e a criatividade, especialmente no envelhecimento; a publicação do Ministério dos Direitos Humanos sobre a pessoa idosa (Brasil, 2023), representa o referencial normativo e político, ao reconhecer institucionalmente a necessidade de valorização dos idosos como sujeitos de direitos, portadores de memória e cultura, e protagonistas no combate ao etarismo.

Esses autores fundamentam a ideia de que o envelhecimento não deve ser reduzido à perda ou à inutilidade, mas concebido como um processo de acúmulo de experiências, saberes e criatividade. Enquanto Viana, Hanashiro, Pereira problematizam o preconceito etário, De Masi e Ordine oferecem novas perspectivas para o tempo livre e a produção simbólica; Cunha resgata a dimensão da memória social e o documento que versa sobre os Direitos Humanos sobre a Pessoa Idosa (Brasil, 2023) consolida essa visão em termos de políticas públicas.

Na seção 2.5, intitulada “a dimensão política da memória: narrativa, resistência e inclusão”, os argumentos estão ancorados, principalmente, nos

seguintes autores: Bosi (1994). Benjamin (1987) e Petit (2009).

Bosi (1994) ressalta o papel dos idosos como guardiões da memória e do sentido, enfatizando o valor epistêmico, ético e social de suas narrativas. Sua perspectiva denuncia o apagamento simbólico dos mais velhos e reivindica a centralidade da velhice na construção da história cultural e social; Walter Benjamin (1987), analisa o declínio da arte de narrar na modernidade, substituída pela informação fragmentada e efêmera. Valoriza o narrador como aquele que transmite sabedoria prática derivada da experiência, associando memória e narrativa a resistência frente à racionalidade instrumental e ao esquecimento moderno; e Petit (2009), defende a leitura como um “desvio vital”, prática que transcende a decodificação e atua como espaço de reconstrução identitária, elaboração simbólica e resistência em contextos de adversidade, e destaca a literatura como direito fundamental ligado à dignidade e ao pertencimento.

Olhando para o plano do Estado, a publicação do Ministério dos Direitos Humanos sobre a pessoa idosa (Brasil, 2025) representa a dimensão política e normativa, ao reconhecer a importância de políticas públicas que assegurem aos idosos o direito à memória, à participação social e à valorização de suas trajetórias como forma de enfrentar o silenciamento institucional e o preconceito etário.

Esses autores fundamentam a ideia de que a memória é mais do que registro do passado: ela é ato político, espaço de resistência e ferramenta de inclusão social. Enquanto Bosi e Benjamin problematizam a marginalização de narrativas e a crise da transmissão de/e de experiências, Petit destaca a leitura como instrumento de ressignificação pessoal e coletiva. Já, o Documento publicado do Ministério dos Direitos Humanos referente à pessoa idosa (Brasil, 2025) reforça a necessidade de políticas públicas que transformem tais perspectivas em práticas sociais inclusivas.

2 BIBLIOTECA PÚBLICA.

As bibliotecas públicas, historicamente concebidas como repositórios de conhecimento, vêm passando por uma profunda reconfiguração em resposta às transformações sociais, culturais, tecnológicas e políticas das últimas décadas. De espaços voltados exclusivamente à conservação de acervos, essas instituições evoluíram para centros vivos de articulação cultural, assumindo um papel estratégico na promoção da cidadania, no fortalecimento da identidade comunitária e na democratização do acesso à informação e à cultura.

Essa transição está fortemente ancorada na ideia de práticas culturais, compreendida como um conjunto de práticas intencionais voltadas à valorização dos saberes locais, ao estímulo à criatividade e ao fortalecimento dos vínculos sociais. Na biblioteca pública, essas práticas manifestam-se em atividades que vão além da simples disponibilização de livros, incorporando oficinas, exposições, rodas de leitura, saraus, encontros com autores e outras práticas que dialogam com os interesses e as vivências da comunidade. Trata-se de promover a apropriação simbólica do espaço bibliotecário como lugar de expressão, troca e construção coletiva de saberes.

Autores como (Teixeira Coelho, 2008) e (Milanesi, 2002) destacam que a biblioteca, quando comprometida com as práticas culturais, não deve apenas reproduzir conteúdos consagrados, mas possibilitar que os sujeitos sejam protagonistas na criação e ressignificação de seus referenciais culturais. Essa visão amplia a missão institucional da biblioteca pública, posicionando-a como agente ativo de transformação social, especialmente em contextos de vulnerabilidade e exclusão.

Ao promover o acesso à leitura, ao conhecimento e às expressões culturais diversas, a biblioteca pública contribui diretamente para a formação crítica dos cidadãos. No entanto, para que essa contribuição seja efetiva, é necessário superar o modelo tradicional, marcado por práticas conservadoras e distanciadoras da realidade social. A biblioteca precisa se tornar um espaço dialógico, aberto à pluralidade de vozes, saberes e experiências, acolhendo os sujeitos em suas múltiplas identidades e trajetórias.

É nesse sentido que iniciativas como as bibliotecas populares e comunitárias ganham relevância. Ligadas frequentemente a movimentos sociais e a redes de

solidariedade local, essas bibliotecas surgem como respostas diretas às lacunas deixadas pelas políticas públicas, oferecendo não apenas acesso a acervos, mas também espaços de escuta, pertencimento e protagonismo comunitário. Etelvina Lima (1982) define as bibliotecas populares como formas de bibliotecas públicas voltadas prioritariamente para as populações menos favorecidas, evidenciando seu compromisso com a inclusão e a justiça social.

Outro modelo alternativo importante são os Centros de Documentação Popular, voltados à valorização de produções culturais e informacionais oriundas das camadas populares. Ao rejeitar a centralidade de conteúdos hegemônicos e valorizar saberes historicamente marginalizados, esses espaços propõem uma biblioteca voltada à resistência simbólica e à articulação comunitária, comprometida com a memória social e a diversidade cultural.

Ainda que distintas em suas configurações, essas experiências convergem ao enfatizar a centralidade da comunidade na definição dos objetivos, políticas e práticas da biblioteca. Mais do que usuários passivos, os sujeitos tornam-se coautores de um projeto cultural compartilhado, fundamentado na escuta, na participação e na construção coletiva do saber. Essa lógica se opõe ao paradigma transmissivo e hierárquico que historicamente marcou as instituições culturais e propõe uma biblioteca pública efetivamente comprometida com o direito à cultura.

No contexto contemporâneo, marcado por intensas transformações tecnológicas e sociais, as bibliotecas públicas são desafiadas a ampliar seu papel educativo, cultural e social. Para tanto, precisam desenvolver ações planejadas que articulem mediação da leitura, valorização da memória coletiva e estímulo à diversidade de expressões culturais. Como apontam Silva (2017) e Santos, Oliveira (2020), trata-se de posicionar a biblioteca pública como um centro de apoio à comunidade, atuando na promoção da inclusão digital, na formação leitora, na produção de sentido e na construção de vínculos.

Sob essa perspectiva, a biblioteca deixa de ser apenas um repositório de livros e se consolida como centro de apoio à comunidade, fortalecendo vínculos, promovendo diálogo e contribuindo para o desenvolvimento social. Sob essa perspectiva, o espaço da biblioteca deixa de ser neutro ou meramente técnico e passa a expressar intencionalidades formativas e políticas. Os ambientes de leitura, por exemplo, devem ser concebidos como territórios simbólicos que acolhem e impulsionam os sujeitos em seu contato com os múltiplos códigos da cultura letrada.

Como propõe Freire (1989), é na articulação entre a “leitura da palavra” e a “leitura do mundo” que se constitui uma prática verdadeiramente emancipadora. Assim, a biblioteca pública torna-se espaço de mediação crítica, de promoção da cidadania cultural e de fortalecimento da memória social.

A história das bibliotecas revela que, desde suas origens ligadas à conservação do patrimônio escrito, elas vêm sendo tensionadas por demandas de maior democratização e participação. No Brasil, a realidade das bibliotecas públicas ainda enfrenta desafios estruturais, como precariedade de recursos, acervos desatualizados e distanciamento das comunidades. Entretanto, propostas como a “Biblioteca-Centro Cultural”, formulada por (Victor Flusser, 1983), apontam caminhos para a superação de modelos excludentes. Ao propor uma biblioteca voltada ao “não-público”, ou seja, àqueles historicamente marginalizados, (Flusser, 1983) reposiciona a instituição como instrumento de criação cultural, escuta e transformação.

A consolidação de uma biblioteca verdadeiramente pública exige, portanto, uma profunda reformulação de suas práticas e finalidades. Trata-se de pensar a biblioteca como um espaço vivo, integrado à dinâmica sociocultural de seu território, sensível às especificidades da comunidade que atende. Isso implica rever sua missão, ampliar seus repertórios, diversificar seus acervos e fortalecer os processos socioculturais. O bibliotecário, nesse cenário, assume o papel de mediador, agente formativo e articulador de experiências culturais significativas, deixando de ser apenas guardião do acervo para tornar-se parceiro na construção de um projeto educativo e cultural compartilhado.

Nesse contexto, a biblioteca pública reafirma seu lugar como um dos mais potentes instrumentos de promoção da cidadania, do diálogo intercultural e da inclusão social. Seu compromisso com a democratização do saber e a valorização da diversidade a posiciona como um espaço estratégico na luta por justiça social, pertencimento e transformação. Ao se abrir à escuta da comunidade, acolher suas demandas e reconhecer seus saberes, a biblioteca pública deixa de ser apenas um lugar de livros e torna-se, de fato, um lugar de encontros, narrativas, afetos e futuros possíveis.

2.1 Biblioteca Pública e Sociedade.

O desenvolvimento histórico e a compreensão conceitual das bibliotecas públicas no Brasil revelam uma evolução complexa de iniciativas dirigidas pela elite para instituições que lidam com sua função social e identidade. Essa trajetória é marcada por períodos de exclusão, adaptação às demandas educacionais e uma luta contínua para cumprir um papel comunitário mais amplo.

A primeira biblioteca pública do Brasil foi fundada em 1811 por Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco Suaden (1978). Seu projeto previa um clube de assinantes para financiar a biblioteca, com membros convidados a doar para a coleção (Oliveira, 1994). Em 1817, a coleção contava com 4.000 itens, predominantemente em francês, abrangendo ciências, filosofia, medicina e arquitetura, com literatura brasileira e portuguesa limitada.

Diferentemente de uma demanda popular, o estabelecimento das primeiras bibliotecas públicas foi uma iniciativa da elite alfabetizada interessada na divulgação cultural. Essa abordagem de cima para baixo geralmente restringia o acesso, tornando difícil para a população em geral frequentar esses espaços (Oliveira, 1994).

A visão inicial dessas bibliotecas era unilateral, excluindo pessoas escravizadas, mulheres e outros grupos marginalizados do acesso à informação e ao conhecimento, refletindo preconceitos estruturais (Achilles, 2018). A coleção da biblioteca, principalmente em francês, limitou ainda mais sua acessibilidade ao público em geral, contribuindo para uma imagem da biblioteca como um “templo do conhecimento” acessível apenas para aqueles que dominam o código escrito (Oliveira, 1994).

Depois da Bahia, outras bibliotecas públicas surgiram nas capitais dos estados. No final do século XIX e início do século XX, com o crescimento das cidades, 27 bibliotecas públicas foram estabelecidas por estados e municípios, principalmente no Sudeste. Simultaneamente, 83 “bibliotecas populares” que atendem a interesses sociais comuns também existiam (Oliveira, 1994).

Com o advento das políticas públicas, as bibliotecas se tornaram espaços focados na alfabetização e no atendimento às demandas do mercado de trabalho. Durante a ditadura militar, as bibliotecas enfrentaram repressão e censura, limitando seu papel na produção de conhecimento e preservação cultural (Achilles, 2018).

O conceito de “biblioteca disfuncional” no Brasil, observando que as bibliotecas públicas geralmente eram “orientadas para a escola”, servindo a processos de educação formal. Esse contexto histórico levanta questões sobre a sua verdadeira função e relevância social (Achilles; Gonçalves e Peixoto, 2022). Essa natureza “orientada para escola” significou que as bibliotecas, apesar de seu propósito original de servir a população em geral, se concentraram principalmente em processos educacionais formais, muitas vezes falhando em atender os alunos de forma eficaz e comprometendo sua função original (Suaiden, 1978).

A trajetória histórica das bibliotecas públicas no Brasil, caracterizada pela ênfase na educação formal e pela falta de representação das comunidades locais IFLA/UNESCO (2003) e das diversas culturas brasileiras, levou a um sentimento de não pertencimento entre a população IFLA/UNESCO (2003). Isso contribui para a percepção da biblioteca pública como um “não-lugar” que deixa de servir como um espaço para a manifestação e ação de atores sociais locais, incluindo classes subalternas, povos indígenas e minorias (Gonçalves, 2023).

Em essência, a análise histórica revela que as bibliotecas públicas brasileiras, desde o início, lutaram para se alinhar a uma missão verdadeiramente pública e focada na comunidade, muitas vezes caindo em um modelo “escolarizado” (orientado para escola) que perpetuou a exclusão e limitou seu potencial de engajamento social mais amplo.

2.2 Biblioteca pública municipal Cora Coralina.

A Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina está localizada na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, no endereço: Rua São Pedro, nº 108 – Centro, Niterói – RJ, CEP 24020-055, Brasil. Seu horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h (Biblioteca popular municipal Cora Coralina, 2025).

Niterói é um município situado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, separado da capital apenas pela Baía de Guanabara. Fundada em 1573, a cidade consolidou-se como um dos principais pólos culturais, educacionais e econômicos do estado. Reconhecida por apresentar elevados indicadores sociais e de qualidade de vida, abriga universidades de destaque nacional, museus e equipamentos culturais de relevância, além de um patrimônio arquitetônico que combina tradição histórica e inovação contemporânea, exemplificado nas obras de Oscar Niemeyer

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018; Prefeitura de Niterói, 2025).

A economia niteroiense é marcada pela diversificação, com destaque para os setores de serviços, comércio, educação e atividades ligadas ao petróleo e gás. O município desempenha papel estratégico na articulação entre desenvolvimento urbano, políticas públicas e acesso à cultura, consolidando-se como referência em planejamento urbano e qualidade de serviços na região fluminense (Prefeitura de Niterói, 2023).

Inserida nesse contexto, a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina integra o sistema municipal de bibliotecas públicas de Niterói, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Educação (SME), por meio da Subsecretaria de Políticas Educacionais Transversais (SSPET). Essa subsecretaria é responsável pela gestão do Programa “Bibliotecas Populares de Niterói”, que atualmente reúne seis unidades distribuídas por diferentes bairros da cidade — Centro, Fonseca, Icaraí, Jurujuba, Barreto e Ilha da Conceição (Secretaria Municipal de Educação de Niterói, 2024).

Essas bibliotecas, criadas com a finalidade de promover o acesso democrático à leitura, à cultura e à informação, configurando-se como espaços comunitários de convivência e troca de saberes, fortalecendo o papel da leitura como instrumento de cidadania e inclusão social (Secretaria Municipal de Educação de Niterói; FME, 2024).

A SME mantém a gestão direta das bibliotecas populares em parceria com a Fundação Municipal de Educação (FME), autarquia vinculada à Secretaria. Essa estrutura administrativa reflete a decisão política do município de integrar os equipamentos culturais voltados à leitura à estrutura educacional, de modo a ampliar o acesso à formação de leitores e ao desenvolvimento cultural. A FME, entre suas frentes de atuação, busca justamente fortalecer o direito à leitura e à informação, promovendo ações que aproximem a comunidade dos espaços culturais e educativos (Prefeitura de Niterói, 2024).

Esta biblioteca ainda se insere em uma política pública mais ampla de valorização da cultura e da educação em Niterói, atuando como elo entre o conhecimento, a memória coletiva e a inclusão social, em consonância com os princípios de democratização do acesso à cultura e promoção do desenvolvimento humano sustentável.

A imagem abaixo ilustra concretamente essa atuação, mostrando os usuários reunidos em torno de uma mesa, envolvidos em atividade manual, mediada pelo

diálogo e pela colaboração, evidenciando a biblioteca como espaço de interação, aprendizagem e construção coletiva de sentidos.

Quando se tem a presença simultânea do acervo bibliográfico e das práticas criativas, fica mais forte ainda o papel da instituição como elo entre conhecimento, memória e inclusão social, alinhando-se aos princípios de democratização do acesso à cultura e promoção do desenvolvimento humano sustentável.

Fotografia 1- Oficina de origami.



Fonte: própria autora, 2023.

O Sistema de Bibliotecas Populares é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação Municipal de Educação de Niterói, por meio da Subsecretaria de Políticas Educacionais Transversais (SSPET). Sua implantação ocorreu em 2004, a partir de parcerias com a Secretaria Municipal de Cultura, administrações regionais, o Sindicato dos Bibliotecários do Rio de Janeiro, cursos de Biblioteconomia do estado, a Biblioteca Estadual de Niterói e a comunidade de livreiros do município.

O projeto teve início com a criação da Biblioteca do Professor, idealizada pela então Secretária de Educação, professora Maria Felisberta Batista da Trindade, no âmbito do programa “Niterói, uma cidade que lê”. A proposta previa a constituição de uma rede de bibliotecas voltadas ao corpo docente municipal, com possibilidade de ampliação futura.

Em 2005, foi oficialmente lançado o projeto “Bibliotecas Populares: uma proposta cidadã em Niterói”, com a inauguração da Biblioteca Popular Municipal

Cora Coralina (Centro), que se consolidou como referência de incentivo à leitura e de promoção cultural na cidade. Desde então, o sistema cresceu progressivamente, alcançando seis unidades distribuídas pelos bairros do Centro, Ilha da Conceição, Fonseca, Jurujuba, Barreto e Icaraí.

Entre 2006 e 2007, novas bibliotecas foram inauguradas: Aguinaldo Pereira de Macedo (Vila Ipiranga, Fonseca), Lídice Fróes Rodrigues (Jurujuba) e Silvestre Mônaco (Itaipu, região oceânica). Posteriormente, em 2014, houve a modernização e incorporação de outras salas de leitura, como a Biblioteca Popular Municipal Monteiro Lobato (Horto do Barreto) e a Biblioteca Popular Municipal Anísio Teixeira (Campo de São Bento, Icaraí).

A Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina foi inaugurada em 14 de julho de 2005, integrando a então recém-criada rede de bibliotecas populares de Niterói, vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SME) e à Fundação Municipal de Educação (FME). Originalmente situada na Rua Visconde do Uruguai, nº 300, a unidade passou a operar no seu local atual, na Rua São Pedro, nº 108, Centro, em 4 de junho de 2013.

A biblioteca recebeu o nome da poetisa Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889–1985), reconhecida por sua produção literária que valoriza o cotidiano e a oralidade interiorana brasileira. A escolha da patrona reforça a simbologia cultural do espaço, conectando-o à valorização da literatura popular e identitária.

Desde a sua criação, a biblioteca se consolidou como um dos principais pólos de incentivo à leitura em Niterói. Dados recentes revelam o crescimento da rede como um todo: entre 2021 e 2023, o número de usuários cadastrados mais do que dobrou, passando de 7,5 mil para 9,5 mil inscritos, com mais de 11 mil empréstimos de obras registrados nesse período. Na foto abaixo pode-se ver a biblioteca funcionando como espaço de interação entre alguns usuários.

Fotografia 2- A biblioteca Cora Coralina viva, a terceira idade e a juventude.



Fonte: própria autora, 2022.

O espaço, além de albergar um acervo de aproximadamente 8.500 livros, passou a ser palco de oficinas, contação de histórias, saraus de poesia e apoio à pesquisa acadêmica, ampliando seu papel para além da função tradicional de empréstimo bibliográfico. Essas atividades fortalecem a biblioteca como ambiente de mediação cultural, inclusive como espaço de convivência comunitária e expressão simbólica.

A Figura 3 exemplifica essa ampliação de funções ao apresentar uma atividade de contação de histórias realizada no interior da biblioteca. Observa-se a mediação de leitura como prática cultural ativa, em que o livro deixa de ser apenas objeto de consulta para tornar-se instrumento de interação e partilha de saberes. A cena evidencia ainda a biblioteca como espaço de circulação de narrativas, escuta e construção coletiva de significados, reafirmando sua atuação como ambiente de interação cultural e convivência comunitária.

Fotografia 3 - Contação de histórias na biblioteca Cora Coralina.



Fonte: própria autora, 2023.

O sistema tem como propósito não apenas oferecer acervos diversificados, mas também atuar como centro cultural comunitário, contribuindo para o desenvolvimento sociocultural da cidade e a formação de leitores críticos e autônomos. Suas atividades incluem exposições, oficinas de artesanato e origami, sessões de cinema, palestras, encontros com escritores e contações de histórias. A Biblioteca Cora Coralina, por exemplo, tornou-se referência na região central, atendendo estudantes universitários, alunos de escolas públicas e privadas, além de crianças, jovens e adultos da comunidade, como se pode ver nas duas fotografias que seguem, a 4 e a 5.

Fotografia 4 – Rodas de conversa.



Fonte: própria autora, 2024.

Fotografia 5 - Jovens e Adultos da Comunidade.



Fonte: própria autora, 2025.

Com o passar dos anos, o espaço se consolidou como lugar de pertencimento, ampliando seu público e se adaptando às demandas contemporâneas. Durante a pandemia de 2020, reinventou-se com atividades on-line, como lives de contação de histórias, cafés literários e encontros virtuais.

A partir de 2022, consolidou sua identidade como biblioteca pública, diversificando os públicos atendidos e promovendo ações de memória, oficinas, rodas de leitura e projetos comunitários, reafirmando seu papel como patrimônio cultural da cidade.

Em 2024, o projeto “A casa é sua, a casa é nossa” marcou um novo momento de integração com a comunidade, quando leitores e moradores passaram a organizar coletivamente o espaço. Entre as iniciativas destacam-se a criação da Confraria de Leitores, a implantação de um café compartilhado, como mostra a fotografia 6 e a adaptação de salas para estudo e preparação de concursos, reforçando a ideia de que a biblioteca é uma casa de todos.

Fotografia 6 - Café com leitor.



Fonte: própria autora, 2025.

2.3 Biblioteca Pública: memórias compartilhadas, encontros de gerações e resistência ao esquecimento

As bibliotecas públicas, além de sua função tradicional de organizar e disponibilizar conhecimento, representam um espaço identitário, relacional e

histórico. Elas carregam consigo as marcas das comunidades que servem e das histórias que abrigam, funcionando como um elo entre o passado e o presente. Esse sentido de identidade é construído a partir das vivências e das relações que se formam dentro de suas paredes. A biblioteca, mais do que um depósito de livros, torna-se um território onde a cultura local se manifesta e se fortalece. É um espaço que reflete a diversidade e a complexidade dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade, promovendo um sentimento de pertencimento (Pereira e Ferreira, 2022).

Diante desse cenário, surge a necessidade de um novo entendimento conceitual para a biblioteca pública, onde ela seja vista como um espaço de experiências e vivências, um lugar vivo e dinâmico (Carvalho, 2018). Esse conceito busca transformar a biblioteca em um ambiente interativo, onde os usuários não são apenas leitores ou pesquisadores, mas participantes ativos em um espaço de convivência e aprendizado mútuo. A proposta é que as bibliotecas públicas acolham práticas culturais diversas, engajando a comunidade em atividades que vão além do ato da leitura, promovendo o desenvolvimento pessoal, o diálogo entre gerações e a troca de saberes e histórias (Mendes, Rodrigues, 2015). Essa abordagem não só atualiza o papel da biblioteca, mas também enriquece a vida comunitária, criando um espaço onde a cultura, a história e as experiências individuais e coletivas podem se entrelaçar.

Nesse contexto, é fundamental o reconhecimento do “outro” e a valorização da construção da memória social dentro das bibliotecas públicas. (Dodebei, Gouveia, 2008) ressalta a importância da memória coletiva para a formação da identidade social, destacando que a biblioteca pode desempenhar um papel essencial na preservação dessa memória ao registrar e valorizar as experiências e as histórias de vida dos membros da comunidade. Ao abrir suas portas para a diversidade de vozes e relatos, a biblioteca contribui para o fortalecimento da memória coletiva, permitindo que cada indivíduo se reconheça como parte de uma história compartilhada e, ao mesmo tempo, distinta (Dodebei, Gouveia, 2008). Esse reconhecimento do “outro” é um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de seu passado.

A visão de Meneses (1999) também contribui de forma crucial para essa reflexão, ao enfatizar a importância de recuperar e preservar a informação como uma forma de combater a amnésia social. Em um mundo onde as mudanças

acontecem rapidamente e a informação é descartada com a mesma facilidade com que é produzida, Meneses alerta para a crise multifacetada da memória, que ameaça o entendimento das nossas origens e identidades.

A biblioteca pública, nesse sentido, pode se tornar um espaço de resistência contra essa crise, preservando memórias que correm o risco de se perder. Ela pode promover a continuidade histórica e cultural, fornecendo à sociedade os meios para entender seu próprio desenvolvimento e construir uma base sólida para o futuro (Meneses, 1999). A memória é um elemento de tamanha relevância na construção da identidade de indivíduos e grupos sociais, funcionando como um elo entre passado e presente, e oferecendo um sentido de continuidade que fundamenta o pertencimento a uma comunidade. A memória coletiva, constituída por experiências compartilhadas e transmitidas ao longo do tempo, proporciona uma compreensão mais ampla da trajetória de um grupo, consolidando o sentimento de pertencimento e criando um vínculo profundo com as gerações que vieram antes. A preservação dessa memória permite que as histórias de vida, as conquistas e os desafios enfrentados sejam resgatados, fortalecendo a coesão social e promovendo uma identidade cultural que se estende para além da individualidade (Dodebei, Gouveia, 2008).

A experiência, por sua vez, é o meio pelo qual a memória se concretiza e se vivencia na prática. Ao longo da vida, as experiências moldam as percepções, valores e conhecimentos que, juntos, formam o repertório coletivo de uma sociedade. Essas vivências compartilhadas não só ampliam a compreensão mútua entre diferentes indivíduos, mas também geram um espaço de aprendizado constante, onde cada geração contribui com suas próprias experiências, fortalecendo o sentimento de comunidade. O processo de transmissão de memórias e experiências, especialmente entre gerações, gera uma conexão afetiva e um respeito mútuo pelas trajetórias de vida, promovendo um ambiente onde todos se sentem parte de uma narrativa maior (Meneses, 1999).

Para que esse sentimento de pertencimento seja efetivamente cultivado, é preciso que as políticas públicas valorizem e promovam a preservação da memória e da experiência como parte do direito social dos cidadãos. A Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI) no Brasil, inspirada por marcos internacionais como o Relatório Lalonde (1974) e a Carta de Ottawa (1986), estabelecendo o envelhecimento ativo como prioridade, ressaltando que a qualidade de vida dos

idosos vai além da saúde física, abrangendo também o bem-estar psicológico, social e cultural (Brasil, 2025). Esses documentos enfatizam a importância de políticas públicas inclusivas, que reconheçam o valor das experiências dos idosos e incentivem sua participação ativa na vida comunitária. A promoção de espaços e iniciativas voltadas para o fortalecimento da memória e da identidade social dos idosos contribui para uma sociedade mais inclusiva, onde todos têm voz e valor.

Além disso, o reconhecimento da importância de preservar e compartilhar as experiências dos mais velhos é um ato que beneficia não apenas os idosos, mas também a sociedade como um todo. Ao integrar as vivências e as memórias dos idosos, essas políticas incentivam a criação de uma rede de saberes que se renova constantemente, oferecendo à comunidade uma perspectiva mais ampla sobre as várias fases e desafios da vida. A implementação de projetos como grupos de memória, oficinas de história oral e pequenas universidades temáticas é uma forma eficaz de garantir que a memória dos idosos seja preservada e celebrada, criando pontes entre o passado e o presente e promovendo um ambiente de respeito e valorização da diversidade.

A disseminação de conhecimentos e a formação de agentes comunitários que atuem na preservação e promoção da memória social são estratégias complementares que reforçam a coesão e o pertencimento comunitário. A preservação da memória social é crucial para combater o esquecimento e assegurar que as histórias, os valores e as contribuições de cada indivíduo sejam honrados e transmitidos. Dessa forma, as políticas públicas voltadas para o envelhecimento não apenas garantem direitos básicos, mas também promovem uma sociedade que valoriza sua própria história e que se compromete com a construção de um futuro em que todos, independentemente da idade, possam experimentar um profundo senso de pertencimento e continuidade.

Bosi (1994) argumenta que a memória coletiva e a identidade social de uma comunidade são construídas e preservadas através de experiências compartilhadas e espaços de encontro, sendo a biblioteca pública um dos principais locais onde essas dinâmicas ocorrem.

Para Bosi (1994), a memória dos indivíduos, especialmente dos idosos, tem um valor social imenso, pois reflete as vivências acumuladas que formam o tecido cultural e histórico de uma sociedade. No contexto da Agenda 2030 da ONU, a preservação dessa memória é fundamental para a construção de uma sociedade

mais igualitária. No entanto, para que essa memória esteja acessível a todos, é necessário o apoio de políticas públicas e investimentos adequados que garantam o acesso igualitário, respeitando e valorizando a diversidade de experiências dos idosos como parte essencial da identidade social.

As políticas de proteção social voltadas para os idosos ainda enfrentam barreiras que limitam o pleno aproveitamento desses espaços como locais de pertencimento e troca de memórias. De acordo com Bosi, ao relegar a memória dos idosos a um segundo plano, essas políticas contribuem para uma perda gradual das referências históricas e culturais que sustentam o sentimento de comunidade. As bibliotecas públicas, vistas por Bosi como espaços identitários, carecem de recursos suficientes para se tornarem ambientes dinâmicos e acolhedores para a memória dos idosos, o que poderia enriquecer o senso de pertencimento e fortalecer as ligações intergeracionais (Bosi, 1994).

A Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), inspirada em documentos como o Relatório Lalonde (1974) e a Carta de Ottawa (1986), apresenta uma visão de envelhecimento ativo, mas, como Bosi aponta, é fundamental que as políticas públicas contemplem também a dimensão simbólica e cultural do envelhecimento, incluindo a memória como um direito social. Bosi argumenta que o envelhecimento é um processo que deve ser celebrado e que as histórias dos idosos têm o poder de educar e inspirar as gerações futuras. Assim, uma política que realmente promova a saúde e o bem-estar dos idosos precisa investir em iniciativas que garantam a participação ativa dessa faixa etária em atividades culturais e sociais, especialmente nas bibliotecas públicas.

Inspirados nas reflexões de Bosi (1994) sobre a importância da memória dos idosos, alguns autores têm sugerido que as bibliotecas públicas poderiam funcionar como espaços de valorização de saberes, aproximando-se da ideia de pequenas universidades temáticas, voltadas ao compartilhamento de experiências e à preservação da história local. Essas pequenas universidades seriam não só um ponto de encontro, mas também um espaço de produção de conhecimento, onde o aprendizado sobre o envelhecimento é enriquecido pela experiência de quem viveu diferentes fases históricas e sociais. A proposta de Bosi reflete um compromisso com a construção de uma sociedade que valoriza suas raízes e respeita as contribuições daqueles que moldaram a cultura e a história locais.

Finalmente, Bosi (1994) aponta para a importância da disseminação de

conhecimentos sobre o envelhecimento e da formação de agentes comunitários que possam atuar no fortalecimento das relações entre as gerações. As bibliotecas públicas, ao funcionarem como espaços de acolhimento e memória, promovem não só a inclusão dos idosos, mas também a troca de experiências que ampliam o entendimento sobre a complexidade da vida. A construção de uma rede de bibliotecas que favoreça a formação de memória coletiva e o pertencimento é, para Bosi (1994), um dos pilares para uma sociedade mais justa e consciente de sua história e identidade. As políticas públicas, ao fortalecerem esses espaços, garantem que a memória dos idosos seja preservada e honrada, servindo de inspiração para o desenvolvimento cultural e social das gerações futuras.

A memória, enquanto conceito teórico, não pode ser formulada de maneira simples, fixa ou unívoca. Ela é complexa, inacabada e está em constante reconstrução. Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, argumenta que a memória é um fenômeno social, construída no interior de grupos específicos que a sustentam por meio de valores, práticas e relações permanentes. Segundo (Halbwachs 1990, p. 185), “há tantas memórias quantos grupos existem” e a coesão social é garantida pelos chamados quadros sociais de memória, sistemas de valores que unificam coletividades como famílias, grupos religiosos ou de classe. Contudo, Halbwachs reconhece que as condições para essa coesão estão em transformação, exigindo uma constante adaptação das formas de rememoração.

Segundo (Nora, 1993), os lugares de memória representam uma tentativa de reparar o esfacelamento das tradições e de preservar elementos que pareciam destinados ao desaparecimento. Para (Nora, 1993, p. 14), “criamos lugares para ancorar a memória”, como resposta ao lamento pela fragmentação cultural e à necessidade de reconstituir narrativas comunitárias que sustentem o pertencimento e a identidade coletiva (Gondar, 2005).

A memória, enquanto campo de estudo, é transdisciplinar, abrangendo múltiplas perspectivas e discursos que frequentemente entram em contradição. (Dodebei, Farias, Gondar, 2016) ressalta que a memória não pode ser reduzida ou aprisionada em uma única definição, pois ela se apresenta, ao mesmo tempo, como acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Esse caráter plástico e em movimento exige abordagens éticas e rigorosas que reconheçam sua multiplicidade, sem cair em ecletismos simplistas (Dodebei, Farias, Gondar, 2016, p. 19).

De acordo com Deleuze e Guattari (2002), anos conceitos, incluindo o de memória, são criados em função de problemas. No caso da memória social, o problema fundamental que estrutura sua formulação é a relação entre lembrança e esquecimento, inserida em dinâmicas de poder. Esse conceito, portanto, se organiza em torno de questões que buscam compreender como os grupos mantêm coesão em um contexto de transformações sociais, políticas e culturais.

Walter Benjamin (1987), por sua vez, contribui para a discussão ao analisar o declínio da narrativa tradicional frente ao avanço da modernidade. Em *O Narrador*, ele destaca que o ato de narrar está desaparecendo, pois a experiência, que era transmitida de geração em geração, foi substituída pela informação. (Benjamin 1987, p. 203) escreve: “Cada manhã, recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes.”. Ele argumenta que a narrativa, ao contrário da informação, não fornece explicações prontas, mas deixa espaço para a imaginação e a reflexão. A narrativa tradicional, carregada de sabedoria, é uma forma de perpetuar a memória, mas está sendo sufocada pelo excesso de explicações e pela fragmentação da experiência.

No entanto, a memória social não se limita à preservação do passado; ela é também um agente ativo na transformação social. (Halbwachs, 1990), ao enfatizar a importância dos quadros sociais, destaca que a memória é constantemente reconstruída a partir das relações entre o presente e o passado. Nora (1993) complementa essa visão ao sugerir que a criação de lugares de memória é uma estratégia contemporânea para responder ao problema da fragmentação identitária. Ambos os autores convergem na ideia de que a memória é tanto uma ferramenta de preservação quanto um dispositivo de ressignificação.

Virginia Woolf, em *Orlando* (2014), descreve a memória como “inexplicável”, reforçando a noção de que ela resiste a explicações simplistas. Essa complexidade é também abordada por autores como Jacques Le Goff (1990) e Michael Pollak (1992), que destacam a memória como um espaço de disputa, moldado pelas relações de poder e pelo embate entre lembrança e esquecimento. A memória, segundo Le Goff (1990), é uma construção histórica e cultural, onde o esquecimento não é apenas uma ausência, mas parte integrante do processo de seleção que define o que será lembrado.

Essa tensão entre memória e narrativa, preservação e esquecimento, é essencial para entender os desafios da contemporaneidade. A narrativa, como

observa Benjamin (1987), possui uma dimensão utilitária que transcende a simples comunicação de fatos. Ela oferece conselhos, reflexões e normas de vida que, na modernidade, estão em vias de extinção devido à fragmentação da experiência e à supremacia da informação.

Portanto, a memória e a narrativa desempenham papéis centrais na construção de identidades, na transmissão de valores culturais e na sustentação de coesões sociais. A pesquisa sobre memória social, ao dialogar com autores como Halbwachs (1990), Nora (1993), Benjamin (1987) e Gondar (2005), revela que a memória é simultaneamente um espaço de preservação e de reinvenção, essencial para compreender as transformações sociais e culturais na contemporaneidade.

2.4 Discussão sobre etarismo: valorização dos idosos como agentes culturais e críticos do preconceito etário.

O etarismo, o papel do idoso como agente cultural e guardião da memória, bem como o conceito de ócio criativo, constituem dimensões interligadas que evidenciam a necessidade de ressignificar a velhice e promover uma sociedade mais inclusiva. Essa articulação aponta caminhos para o enfrentamento da discriminação etária e para a valorização da contribuição social e cultural dos idosos.

O etarismo, entendido como preconceito universal baseado na idade, especialmente contra os mais velhos, manifesta-se em diferentes esferas da vida social, muitas vezes de forma sutil, o que dificulta sua identificação e reforça estereótipos negativos. Tal discriminação adquire maior gravidade diante do envelhecimento populacional global, que impõe desafios significativos às políticas sociais e econômicas (Viana, 2021). Reconhecer a complexidade desse fenômeno, inclusive suas especificidades terminológicas no contexto brasileiro, é um passo essencial para desconstruir a marginalização imposta aos idosos (Hanashiro, Pereira, 2020).

Para enfrentar o etarismo de forma eficaz, é necessário redefinir o papel do idoso na sociedade, superando a visão que associa a velhice à inutilidade. Trata-se de concebê-la como um período marcado por acúmulo de cultura, sabedoria e experiências (De Masi, 2000). Os idosos, nesse sentido, desempenham um papel essencial na conservação de saberes tradicionais e de experiências que integram a memória social e cultura coletiva. Valorizar suas narrativas significa não apenas

conferir protagonismo a esse grupo, mas também enriquecer o patrimônio cultural da sociedade e resistir ao esquecimento institucional (Brasil, 2023). Ao acolher e preservar suas histórias de vida promove-se a continuidade da memória coletiva e o reconhecimento das identidades que formam a trajetória das comunidades.

O conceito de ócio criativo, proposto por Domenico (De Masi, 2000) emerge como instrumento estratégico para ressignificar a velhice e combater o etarismo. Ao redefinir o tempo livre como espaço de criatividade e desenvolvimento pessoal e não de inatividade, o autor propõe uma ruptura com a lógica produtivista. Esta, conforme crítica de Nuccio Ordine (2016), tende a desvalorizar o saber que não gera lucro imediato, resultando na “desertificação do espírito” e na perda da dignidade humana. Assim, iniciativas que integram trabalho, estudo e lazer podem transformar instituições culturais, como as bibliotecas públicas, em centros de produção simbólica, intelectual e criativa, capazes de promover a oralidade e a troca intergeracional de saberes.

Em síntese, a luta contra o etarismo exige a valorização do idoso como agente cultural ativo, detentor de conhecimentos e experiências inestimáveis. O ócio criativo, ao oferecer um novo arcabouço para a vivência da velhice, possibilita a construção de espaços inclusivos e participativos, nos quais a sabedoria das gerações mais velhas é celebrada e integrada. Dessa forma, a sociedade se enriquece culturalmente e se fortalece como comunidade mais justa, plural e dotada de memória viva.

2.5 A dimensão política da memória: narrativa, resistência e inclusão.

A dimensão política da memória reside, sobretudo, na questão de quem detém o direito de narrar a história, em especial aquelas vozes historicamente silenciadas ou subalternizadas. Esse direito, entretanto, não é distribuído de forma equitativa, sendo constantemente disputado em espaços simbólicos, institucionais e sociais. Sociedades marcadas por desigualdades estruturais tendem a privilegiar narrativas dos vencedores, dos jovens, dos letrados e dos considerados produtivos.

Bosi (1994) argumenta que os idosos, frequentemente marginalizados, são na verdade guardiões de memória e sentido, cujas narrativas possuem valor epistêmico, ético e social. A análise de Benjamin, embora não se refira explicitamente aos idosos, atribui centralidade àqueles com vasta experiência e

sabedoria. O narrador benjaminiano é aquele que “sabe dar conselhos”, cuja autoridade advém da capacidade de assimilar e transmitir vivências, transformando-as em sabedoria. Benjamin lamenta o declínio da arte de narrar na modernidade, em que a informação efêmera e a dissolução da “comunidade dos ouvintes” corroem o terreno fértil da narrativa, desvalorizando o “saber que vem de longe”.

Nesse cenário, a memória assume caráter político e de resistência, pois confronta narrativas dominantes. Ao resgatar e iluminar as experiências e vozes dos oprimidos, transforma-se em contraponto crítico à teleologia do progresso. A sabedoria do narrador, que oferece orientação prática, desafia a racionalidade instrumental da modernidade. Preservar a arte de narrar e a memória que ela encerra é, portanto, um ato de resistência contra o esquecimento imposto, mantendo viva a possibilidade de transformação social. Os idosos assumem papel central na construção de narrativas que enfrentam o esquecimento institucional, reivindicando seu lugar na história social e cultural. Ao se posicionarem como sujeitos ativos, desafiam práticas que historicamente inviabilizaram suas experiências e saberes. Esse protagonismo rompe com discursos hegemônicos que associam o envelhecimento à perda de relevância social, denunciando o apagamento simbólico promovido por estruturas institucionais. Ao afirmarem suas memórias e trajetórias, resistem ao silenciamento e contribuem para a reconstrução crítica da história social, valorizando a velhice como etapa rica em experiências, conhecimentos e participação cidadã (Brasil, 2023).

Petit (2010) acrescenta que a leitura transcende a mera decodificação de textos, constituindo prática fundamental na construção e reconstrução do sujeito, especialmente em contextos de adversidade. A leitura funciona como um “desvio vital”, permitindo aos indivíduos “reencontrar um mundo interior de sensações, um ritmo” e reelaborar experiências traumáticas, favorecendo a “reconstrução de si mesmos”. Em situações de crise, não se configura como fuga, mas como atividade psíquica profunda que estimula a capacidade de simbolização e a construção de narrativas pessoais, possibilitando “construir suas casas interiores” e restabelecer o sentimento de continuidade e pertencimento. Nesse sentido, a leitura se afirma como instrumento poderoso de transformação identitária, ao mesmo tempo refúgio e elaboração psíquica, reafirmando a literatura como direito fundamental à dignidade humana.

Em síntese, a dimensão política da memória constitui um campo dinâmico, no

qual narrativas são disputadas, ressignificadas e continuamente reconstruídas. A valorização das experiências dos idosos, a promoção do ócio criativo e o reconhecimento da leitura como ferramenta de emancipação revelam-se fundamentais para edificar uma sociedade que honra o passado e promove a inclusão de todas as vozes, desafiando as lógicas de poder que, historicamente, marginalizaram determinadas memórias e sujeitos.

3 A TRANSFORMAÇÃO.

3.1 A Biblioteca Cora Coralina: antes do encontro com os fios da memória.

Antes da implementação das oficinas de leitura e artesanato, a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina já apresentava funcionamento regular e registro significativo de circulação. De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Niterói, no ano de 2018 foram contabilizados 3.049 usos do espaço ao longo do ano, 169 novos cadastros e 1.145 empréstimos de livros.

Esses números indicam que a biblioteca mantinha atividade constante e fluxo expressivo de usuários. Em 2019, os registros mostram ampliação das ações culturais, com 93 atividades realizadas, 3.702 pessoas em circulação, 226 novos cadastros e 1.102 empréstimos. Fica bastante claro, portanto, que, mesmo antes das oficinas analisadas nesta pesquisa, a biblioteca já desenvolvia programação cultural e apresentava participação relevante da comunidade.

No entanto, os dados estatísticos disponíveis não detalham o perfil específico dos frequentadores nem a permanência prolongada dos usuários no espaço. Os registros indicam quantitativos de circulação, cadastros e empréstimos, mas não permitem identificar níveis de envolvimento, frequência continuada ou participação em atividades sistemáticas voltadas a públicos específicos, como pessoas idosas.

Em março de 2020, as atividades presenciais foram suspensas em razão da pandemia de COVID-19. Para os anos de 2020 e 2021 não foram localizados registros estatísticos consolidados nos dados oficiais disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação, em razão da interrupção das atividades presenciais e da reorganização institucional nesse período. A partir de 2022, com a retomada das atividades presenciais, os registros voltam a ser contabilizados. Nesse ano foram registrados 111 novos cadastros, 2.658 participações em atividades e 441 empréstimos. Em 2023, os números indicam crescimento nas participações, com 130 novos usuários, 4.435 presenças em atividades e 584 empréstimos. Em 2024, mantiveram-se índices elevados, com 124 novos cadastros, 4.322 participações e 587 empréstimos. Em 2025, até outubro, foram registrados 68 novos cadastros, 2.561 participações e 297 empréstimos. A análise desses dados demonstra que a biblioteca apresentava funcionamento ativo tanto antes quanto após a implementação das oficinas. A diferença observável ao longo do período refere-se

não à inexistência de público anteriormente, mas à ampliação das participações em atividades culturais e à diversificação das ações desenvolvidas. A imagem apresentada abaixo, retrata a biblioteca em processo de ampliação, melhorando, inclusive, a estrutura física para atender melhor os usuários, evidenciando a busca por maior participação social. A presença ativa dos usuários no ambiente bibliotecário demonstra que a ocupação do espaço vai além da consulta ao acervo, configurando-se como experiência de convivência, interação e construção de vínculos. Nesse sentido, a imagem simboliza a biblioteca em busca de aumentar o pertencimento e “biblioexperiências”, no qual o acesso ao livro se articula à vivência coletiva e à produção de sentidos compartilhados.

Fotografia 7 - Transformação da Biblioteca.



Fonte: própria autora, 2025.

3.2 Entre linhas e encontros: o nascimento de uma experiência partilhada

A semente da mudança foi plantada com o encontro entre a pesquisadora e Dona Ana, frequentadora solitária e amante da poesia e do bordado. Como se pode ver na imagem 8. A partir dessa relação, nasceu o projeto *Entre Nós*, nome que carrega duplo sentido: o “entre nós” de convivência e o “nó” do fio que une memórias e afetos. A oficina, realizada semanalmente, transformou panos de prato em suportes de poesia bordada, articulando a obra de Cora Coralina com as narrativas de vida das participantes. Ao mesmo tempo em que costuravam tecidos, costuravam também memórias e pertencimentos.

Fotografia 8- Dona Ana: onde tudo começou.



Fonte: própria autora, 2018.

A ampliação da oficina, com a leitura de *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti e a criação de um livro de pano com os sonhos bordados pelas participantes, deu novo corpo à proposta. Esse livro, mais tarde transformado em publicação física no âmbito deste Mestrado Profissional, se consolidou como dispositivo de memória coletiva, uma espécie de autobiografia plural e sensível da experiência vivida.

O espaço da biblioteca foi, pouco a pouco, sendo resignificado. A oficina de artesanato ganhou novos integrantes, novas formas (como origami, bolsas e chaveiros) e novos horários. Chegaram também adolescentes da escola próxima, servidores públicos, moradores de outros bairros e até de cidades vizinhas, como São Gonçalo. A fotografia abaixo ilustra um destes momentos.

Fotografia 9: alunos Escola Estadual Pinto Lima.



Fonte: própria autora, 2022.

Um novo fluxo de vida tomou o espaço.

Projetos como *Modernismo*, *Samba e Poesia*, o grupo *Confraria de Leitores* e o *Café do Leitor* surgiram a partir das demandas e afetos das frequentadoras. A prática de compartilhar chá, bolo e conversas foi tão potente quanto a leitura de um poema. Criou-se, assim, uma ambiência acolhedora, onde o cotidiano se tornava literário e o literário, cotidiano.

O espaço físico também se transformou: paredes foram pintadas, ambientes reorganizados, uma sala especial foi criada para os concurseiros, tudo fruto da iniciativa dos próprios leitores.

3.3 Biblioteca Cora Coralina: depois, uma casa de todos.

Com muitas mudanças, a Biblioteca Cora Coralina já não era a mesma. Tornou-se um espaço vivo, plural, dinâmico, uma casa de cultura construída a muitas mãos. A frequência aumentou exponencialmente, saltando de 6 a 8 leitores por dia para cerca de 25 a 30. Mais do que um crescimento quantitativo, esses dados indicam a consolidação da biblioteca como espaço de referência para diferentes segmentos da comunidade. A ampliação da frequência e da diversidade de usuários sugere um processo de fortalecimento do vínculo entre o espaço institucional e os sujeitos que o utilizam. Na imagem apresentada a seguir, observa-se a presença de pessoas com perfis diversos, reunidas na biblioteca em busca de

objetivos distintos, como estudo, leitura, produção cultural ou convivência. Essa multiplicidade de usos evidencia a biblioteca como ambiente plural, capaz de atender demandas variadas e promover diferentes formas de participação social.

Fotografia 10 – Leitores.



Fonte: própria autora, 2024.

A biblioteca passou a ser reconhecida como lugar de encontro, cuidado e transformação. Os leitores a chamam de “oásis no centro de Niterói”. Essa mudança não ocorreu por imposição institucional, mas pela escuta sensível e pela valorização das práticas culturais dos próprios sujeitos. O livro de bordados com histórias dos idosos é símbolo e síntese dessa caminhada, ao mesmo tempo produto e processo, objeto estético e registro afetivo

A biblioteca, nesse novo ciclo, se afirma como território de resistência cultural, mediação simbólica e produção coletiva de saberes. Ao valorizar o tempo, o afeto e as experiências dos idosos, ela se torna agente ativo de uma política de memória, inclusão e dignidade, reafirmando sua vocação pública, comunitária e democrática.

As duas imagens abaixo demonstram bem isso, idosos ativos, buscando a experiência e o pertencimento através do espaço da biblioteca.

Fotografia 11 – Oficina de artesanato.



Fonte: própria autora, 2024.

Fotografia 12 - Oficina de artesanato com interação de idosos.



Fonte: própria autora, 2024.

3.4 Produto.

O produto desta dissertação consiste na apresentação do modelo de oficinas integradas de leitura e produção artesanal voltadas ao público idoso, desenvolvidas no contexto da Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina, como ação estratégica de fortalecimento dos vínculos entre a Biblioteca e seus frequentadores, e também como instrumento na valorização e integração do público idoso. A figura abaixo

demonstra um exemplo desse tipo de panorama evidenciando a oficina de bordado acontecendo no espaço da Biblioteca Cora Coralina.

Fotografia 13 - Oficina de Bordado.



Fonte: própria autora, 2018.

As oficinas estruturadas em encontros semanais, com duração média de duas horas, organizados em ciclos definidos, com articulação de leitura literária mediada, diálogo coletivo e produção artesanal temática tornou possível a sua consolidação como uma prática institucional, devido ao sucesso dos anos em que aconteceram.

O modelo compreende etapas organizadas, tais como seleção de obras literárias, leitura compartilhada, mediação dialógica, desenvolvimento de produções artesanais relacionadas aos textos trabalhados e socialização grupal dos resultados. Entre as produções realizadas destacou-se o livro de pano coletivo inspirado na obra *A Moça Tecelã*, além de outros artefatos artesanais desenvolvidos ao longo dos encontros.

O produto caracteriza-se como tecnologia social de ações socioculturais, com potencial de replicação em outras bibliotecas públicas e equipamentos culturais, mediante adaptação às especificidades locais. Sua aplicação requer recursos materiais simples, organização de cronograma semanal e condução por mediador

com formação em leitura e dinamização de grupos.

De tal modo, o resultado técnico desta pesquisa não se restringe às produções artesanais realizadas e, sim, consolida-se como proposta metodológica estruturada para promoção da leitura, convivência intergeracional e participação ativa de pessoas idosas em qualquer espaço da biblioteca pública.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa demonstra que a Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina transcende o modelo tradicional de “repositório neutro de informação”, conforme proposto por Paiva (2015), para se consolidar como um verdadeiro “território simbólico, lugar de memória e significação social”. Os resultados evidenciam essa transformação, ao mostrar o espaço deixando de ser apenas um ambiente silencioso para se tornar um vibrante ponto de encontro, afeto e expressão cultural. Essa ressignificação funcional, de uma instituição burocrática para um centro comunitário, aproxima-se da visão de que bibliotecas públicas devem atuar como espaços de escuta, pertencimento e protagonismo social, como defendem Lima (1982), Silva (2017) e Santos, Oliveira (2020).

A metodologia colaborativa adotada, que envolveu a participação ativa dos idosos na definição de temas e materiais das oficinas, corrobora a abordagem da mediação cultural defendida por Paiva (2015), ao reconhecer os sujeitos como protagonistas das práticas culturais. As atividades realizadas, como a oficina de bordado e leitura (Entre Nós) e o Café do Leitor, não apenas estimularam a autonomia criativa dos participantes, mas também fortaleceram o sentimento de pertencimento e coletividade. Esse resultado confirma a perspectiva de (Mendes, Rodrigues, 2015), segundo a qual a biblioteca, ao acolher práticas culturais diversas e promover o diálogo intergeracional, torna-se um espaço de convivência e aprendizado mútuo, no qual os usuários são participantes ativos e não meros receptores de informação.

Os resultados da pesquisa ainda sublinham a relevância das atividades artesanais e literárias na reconstrução de memórias e na afirmação identitária dos idosos, dimensões fundamentais para o envelhecimento ativo. Essa constatação dialoga diretamente com Bosi (1994) e Meneses (1999), que enfatizam a memória como elemento central na construção da identidade e na resistência à amnésia social. Ao valorizar as vivências acumuladas e as histórias de vida dos idosos, a biblioteca contribui para o fortalecimento da coesão social e para a continuidade da história local.

Nesse processo, a promoção do ócio criativo, conceito formulado por (De Masi, 2000), emerge como ferramenta eficaz no combate ao etarismo, ao ressignificar o tempo livre dos idosos como espaço fecundo para a criatividade e o

desenvolvimento pessoal. As oficinas de artesanato e a produção coletiva do livro de bordados exemplificam como a biblioteca transforma saberes não lucrativos em processos de intelectualização e criatividade, desafiando a lógica produtivista criticada por Ordine (2016). Assim, a instituição reafirma seu papel na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual a sabedoria das gerações mais velhas é celebrada e integrada como patrimônio cultural.

A pesquisa também reforça a dimensão política da memória, que, conforme Bosi (1994) e Benjamin (1987) se manifesta na valorização das narrativas de grupos frequentemente marginalizados. Ao resgatar e iluminar as experiências e vozes dos idosos, a memória se torna contraponto crítico à teleologia do progresso. O protagonismo dos participantes na Biblioteca Cora Coralina, posicionando-se como sujeitos ativos, desafia discursos hegemônicos que associam a velhice à perda de relevância social, contribuindo para uma reconstrução crítica da história coletiva.

Nesse sentido, é importante destacar também a perspectiva de Petit (2009), que entende a leitura como prática de reconstrução de si, especialmente em contextos de adversidade. Para a autora, a leitura funciona como desvio vital que permite elaborar experiências traumáticas, restabelecer pertencimento e construir narrativas pessoais. Tal perspectiva, aplicada ao caso estudado, evidencia que as bibliotecas populares, ao oferecer espaços de leitura e convivência, não apenas promovem o acesso à informação, mas contribuem para a emancipação subjetiva e social dos indivíduos, especialmente os idosos.

Em síntese, a pesquisa na Biblioteca Cora Coralina não apenas corrobora teorias existentes sobre o papel social da biblioteca, a importância da memória e o combate ao etarismo, mas também oferece um estudo de caso concreto que demonstra como a aplicação de uma metodologia colaborativa e sensível às necessidades da comunidade pode gerar resultados tangíveis na promoção da qualidade de vida e inclusão social. Ao mesmo tempo, evidencia os desafios de sustentar tais práticas em contextos de desigualdade estrutural e necessidade constante de políticas públicas. Dessa forma, a experiência analisada reforça a compreensão da biblioteca como espaço democrático, dinâmico e vital para a comunidade, afirmando-se como território de resistência, memória e inovação cultural.

REFERÊNCIAS

ACHILLES, Daniele. **Bibliotecas públicas brasileiras**: sob a perspectiva da memória e experiência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11576>. Acesso em: 22 nov. 2025.

ACHILLES, Daniele; GONÇALVES, Maria Lúcia; PEIXOTO, Ruyton Calheiro. **Comunidade de prática em bibliotecas públicas: trajetórias teórico-práticas para a construção de narrativas históricas, identitárias e da memória das bibliotecas populares do município de Niterói (RJ)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26., 2022, plataforma on-line. Anais [...]. 2022. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2467/2544>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 197-221.

BIBLIOTECA POPULAR MUNICIPAL CORA CORALINA. Niterói, RJ, 2025. *Instagram*: Niterói: @bibpopcora, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/bibpopcora/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Cultura; Ministério da Educação. Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL. **Gov. Br**: Brasília: Ministério da Cultura, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/pnll>. Acesso em: 05 nov. 2025.

BRASIL, Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. Pessoa Idosa. **Gov. Br**: Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa>. Acesso em: 05 nov. 2025.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Informação, inovação social e condições de vida: construindo competências para o desenvolvimento sustentável. **Revista EDICIC**, Caribe, 2011. v. 1, n. 2, p. 302-316. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cdef/69becde217c4cad0205434f283aaa3d96c8b.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos).

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Tradução: Léa Manzi. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco; GONDAR, Jô. Por que memória social? **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <https://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/2016%20-%20Mem%C3%B3ria%20social.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2025.

DODEBEI, V., GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero**, v. 9, n. 5, 2008.

FAILLA, Zoara (org.). **Relatos da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Imprensa oficial, 2004. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/366/o/retratos_da_leitura_no_Brasil_-_livro.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

FAVARETTO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; São Paulo: Cortez, 1989.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia**. Belo Horizonte: UFMG, v. 12, n. 2, p. 145-169, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36443>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Relatório institucional da Fundação Municipal de Educação**. Niterói: FME, 2024. Disponível em: <https://www.educacao.niteroi.rj.gov.br/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GONÇALVES, Maria Lúcia. **Uma história que merece ser contada: construção da identidade do Sistema de Bibliotecas Populares de Niterói através da pesquisa documental**. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Pós-Graduação em Biblioteconomia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13857440. Acesso em: 06 nov. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; PEREIRA, Marie Françoise Marguerite Winandy Martins. O etarismo no local de trabalho: evidências de práticas de “saneamento” de trabalhadores mais velhos. *Revista Gestão Organizacional*, v. 13, n. 2, p. 188-206, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/5032>. Acesso em: 05 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da população: Brasil e unidades da federação**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101597>. Acesso em: 06 nov. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022. Haia; Paris: IFLA/UNESCO, 2022. Disponível em: <https://repository.ifla.org/items/4dcd673d-9935-4632-a71a-1be533180d26>. Acesso em: 09 nov. 2025.

LALONDE, Marc. **A new perspective on the health of Canadians**: a working document. Ottawa: Government of Canada, 1974. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/A_new_perspective_on_the_health_of_canadians__a_working_document/59. Acesso em: 10 nov. 2025.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, Etelvina. Bibliotecas em programa de alfabetização e educação dos adultos. **Revista da Escola de Biblioteconomia**. Belo Horizonte: UFMG, v.11, n. 2, p. 133-145, 1982. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/issue/view/1751>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARTINS, Ana Carolina de Melo; SILVEIRA, Crislaine Zurilda; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; JULIANI, Jordan Paulesky. Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma análise paradigmática em bibliotecas públicas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 607-626, 2016. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1201/0>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MELO, Kelly Castelo Branco da. **Coleção e melancolia**: universos mnemônico-patrimoniais. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) - Pós-Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12831/tese%20versao%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MENDES, A. C.; RODRIGUES, P. F. **O novo papel das bibliotecas públicas na sociedade da informação**. Biblioteca em Rede, 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/JL4F7CRWKwXXgMWvNKDfCDc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2025.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução: Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851>. Acesso em: 10 nov. 2025.

NUNES, Júlia do Espírito Santo; THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. Biblioteca pública e idosos: contribuições para a promoção da qualidade de vida e inovação social. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/biblioteca.html>. Acesso em: 02 nov. 2025.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Abordagem teórica e estigma do idoso na sociedade. **Seminário da Terceira Idade**. São Paulo: UNESP, 1994. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo**: a agenda 2023 para o desenvolvimento sustentável. Nações Unidas no Brasil, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PAIVA, Simone Borges. **Oficinas intergeracionais: saberes e fazeres da experiência, mediação cultural e significação**. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13112015-092819/pt-br.php>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PEREIRA, Bárbara Alves; FERREIRA, João Batista de Oliveira. Envelhecimento e poética de atenção às formas de vida. **Interface**. Botucatu: Online, v. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/sNzSB53tf6Xs3DZN88Kr39c/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PETIT, Michele. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 03 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. Biblioteca Popular Municipal Cora Coralina. Niterói: 2024. Disponível em: <https://niteroi.rj.gov.br/?s=biblioteca+popular+municipal+cora+coralina>. Acesso em: 03 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. Histórico e dados gerais do município de Niterói. Niterói: Prefeitura Municipal, 2023. Disponível em: <https://www.niteroi.rj.gov.br>. Acesso em: nov. 2025.

PREFEITURA DE NITERÓI. **Niterói que queremos 2050**. Niterói: Prefeitura de Niterói, 2025. Disponível em: https://www.nqq2050.niteroi.rj.gov.br/?utm_source. Acesso em: 5 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. *Portal da Prefeitura de Niterói*. Niterói, 2023. Disponível em: <https://www.niteroi.rj.gov.br>. Acesso em: 23 nov. 2025.
 RASTELI, Alessandro. *Mediação da leitura em bibliotecas públicas*. Dissertação (Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5c29a3ab-c818-482f-b93c-633e85b78c0e/content>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SANTOS, Raquel de Rosario; RIBEIRO, Iveth da Costa. A biblioteca pública como ambiente de mediação da informação para o usuário da terceira idade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 442-457, 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32222>. Acesso em: 02 nov. 2025.

SANTOS, V. C. ;OLIVEIRA, A. P. **O papel das bibliotecas públicas na era digital**. Biblioteca Digital, 2020.

SILVA, Dejanira Sobrinho Dantas; SILVA, Adriana Cristina; FREITAS, Josney. O mercado de trabalho para o envelhescente. **Revista Fafibe On-line**, v. 12, n. 1, p. 49-70, 2020. Disponível em: <https://portal.unifafibe.com.br/revista/index.php/fafibeonline/article/view/954>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, J. A. Bibliotecas e o futuro: um olhar sobre as transformações sociais e tecnológicas, **Revista de Estudos Bibliotecários**, 2017.

SIMÕES, Fabiane; BORGES, Jussara. A biblioteca pública como viabilizadora da Agenda 2030 da ONU. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1456>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SPOSITO, Giovana. Engajamento em atividades avançadas de vida diária e o desempenho cognitivo em idosos da comunidade: estudo FIBRA-Unicamp. Tese (Doutorado em Gerontologia) - Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, (SP), 2015. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=451495>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SUAIDEN, Emir José. Perspectivas das bibliotecas públicas no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 6, n. 1, p. 77-82, 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29062>. Acesso em: 12 nov. 2025.

VIANA, Lauro Oliveira. **Ageísmo na carreira docente**: um estudo com professores da Universidade Federal do Piauí. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24902/1/LauroOliveiraViana_Tese.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. Tradução: Jorio Dauster. Rio de Janeiro: Penguin-Companhia, 2014.

ANEXO A - Carta de apresentação de Mestrado para coleta de dados para pesquisa.



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – PPGB

Ofício PPGB nº 30/2025

Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2025.

Ao Sr. Coordenador de Bibliotecas
 Diretoria de Educação Integral/Fundação Municipal de Educação de Niterói
 Prof. Ms. Guilherme Fani Oliveira Machado da Costa

Assunto: Apresentação de Mestranda para Coleta de Dados para Pesquisa

Senhor Coordenador,

1. Cumprimentando V. S^a., sirvo-me do presente para apresentar a mestranda PATRÍCIA VARANDAS VARGAS DE FARIA, regularmente matriculada sob o nº 23218P8MP18, no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (MPB) do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), para coleta de dados para realização da pesquisa intitulada " Entre Páginas e Agulhas: inovações criativas da Biblioteca Pública Municipal Cora Coralina no atendimento às necessidades culturais e artesanais dos idosos" sob a orientação da Professora Doutora Kelly Castelo Branco da Silva Melo, a fim de alcançar os objetivos propostos em seu projeto de pesquisa.
2. Solicitamos a autorização de V.S^a. para que a mestranda em epígrafe possa coletar os dados na Fundação Municipal de Educação de Niterói relativos à frequência de usuários na biblioteca do período de julho de 2016 a julho de 2025.
3. Informamos que tão logo a pesquisa seja finalizada e aprovada no âmbito do PPGB, os resultados obtidos serão encaminhados à V.S^a, para que a Secretaria Municipal de Educação de Niterói aproveite os estudos realizados.
4. Agradecendo a atenção dispensada, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Respeitosamente,

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS LUIZ CAVALCANTI DE MIRANDA**
 Data: 07/11/2025 18:08:54-0300
 Verifique em <https://validar.it6.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
 Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
 SIAPE 01087938

ANEXO B - Termos de cessão de uso de imagem para fim de pesquisa.

Termo – 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Milda de Carvalho,
portador(a) do RG nº 81265708-8 e CPF nº 071.000.447-82,
residente à Travessa Trajano de Moraes 40, Santa Rosa,
na cidade de Niterói, declaro, para os devidos fins, que
autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:

“Entre páginas e agulhas: Inovações Criativas da Bib. Pub. Municipal
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Cora Corralina
UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora
Patrícia Varandas Vargas de Paula, matrícula nº 23218P MP18 e
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Kelly Castelo Branco da Silva Melo”

Autorizo a **captação, utilização, reprodução e divulgação** da minha imagem e voz,
por meio de **fotografias, gravações audiovisuais e sonoras**, exclusivamente para **fins**
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo **defesas de dissertação, apresentações**
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita **sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade**;
2. Tenho o direito de **revogar esta autorização a qualquer momento**, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é **voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração**;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO**.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói, 18/11/25

Assinatura do(a) participante: Milda de Carvalho

Assinatura da pesquisadora responsável:

Nome: Patrícia Varandas Vargas de Paula
E-mail: patriciaavarandas8@gmail.com
Telefone: (21) 991965973

Assinatura do(a) orientador(a): _____

Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240
Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

Termo – 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Nadia dos Santos Lopes,
portador(a) do RG nº 08785323-0 e CPF nº 072497467-90,
residente à Rua Coronel Leônidas - Trav. N. 5 Conceição e 16 - Engenheira
na cidade de Niterói, declaro, para os devidos fins, que
autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:
“Entre páginas e aquelas: inovações cunhadas da Bib. Pub. Municipal
Corá Coradina”
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da
UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora
Patúcia Varandas Vargas de Faria, matrícula nº 23218P8MPL8
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Kelly Castelo Branco da Silva Melo

Autorizo a captação, utilização, reprodução e divulgação da minha imagem e voz,
por meio de fotografias, gravações audiovisuais e sonoras, exclusivamente para fins
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo defesas de dissertação, apresentações
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade;
2. Tenho o direito de revogar esta autorização a qualquer momento, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói 18/11/25

Assinatura do(a) participante: Nadia dos Santos Lopes

Assinatura da pesquisadora responsável:

Patúcia Varandas Vargas de Faria
Nome: Patúcia Varandas Vargas de Faria
E-mail: patucia.varandas.8@gmail.com
Telefone: (21) 991965973

Assinatura do(a) orientador(a): _____

Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240
Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

Termo – 3.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Alan de Oliveira de Lima
portador(a) do RG nº 21.555.3660 e CPF nº 124.031.237-73,
residente à Rua dos Jesuitas 501 Bl. 5/508, Santa Cruz,
na cidade de Rio de Janeiro, declaro, para os devidos fins, que
autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:

“Entre Páginas e Agulhas: Inovação Criativa da Biblioteca Pública Municipal Louisa Coradine”
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da

UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora
Patrícia Varandas Vargas de Faria, matrícula nº 23218P8MP18 e
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Kelly Castelo Branco da Silva Mello.

Autorizo a captação, utilização, reprodução e divulgação da minha imagem e voz,
por meio de fotografias, gravações audiovisuais e sonoras, exclusivamente para fins
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo defesas de dissertação, apresentações
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita **sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade**;
2. Tenho o direito de **revogar esta autorização a qualquer momento**, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é **voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração**;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO**.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói 18/11/2025

Assinatura do(a) participante: Alan de Oliveira de Lima

Assinatura da pesquisadora responsável:

Patrícia
Nome: Patrícia Varandas Vargas de Faria
E-mail: patriciavarandas8@gmail.com.br
Telefone: (21) 99196-5973

Assinatura do(a) orientador(a):

Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240
Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

Termo – 4.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Jacinete Conceição de Oliveira,
portador(a) do RG nº 04741654-0 e CPF nº 515.863.987-68,
residente à Trav. Eugénio de Almeida Brandão 67, Santa Rosa,
na cidade de Niterói, declaro, para os devidos fins, que
autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:

“ _____ ”,
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da
UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora

_____, matrícula nº _____, e
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) _____.

Autorizo a **captação, utilização, reprodução e divulgação** da minha imagem e voz,
por meio de **fotografias, gravações audiovisuais e sonoras**, exclusivamente para **fins**
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo **defesas de dissertação, apresentações**
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita **sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade**;
2. Tenho o direito de **revogar esta autorização a qualquer momento**, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é **voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração**;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO**.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói 18/11/25

Assinatura do(a) participante: Jacinete C. Oliveira

Assinatura da pesquisadora responsável:

Nome: Patricia Varandas Vargas de Faria
E-mail: patricia.varandas8@gmail.com.br
Telefone: (21) 991965973

Assinatura do(a) orientador(a): _____

Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240

Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

Termo – 5.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Maria das Dores Soares Sant'Ana
portador(a) do RG nº 29.405.578-5 e CPF nº 186.959.145-34,
residente à R. Pe Anchieta, 174/201 centro,
na cidade de Niterói, declaro, para os devidos fins, que

autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:

"Entre Páginas e Agulhas: Inovações Criativas da Biblioteca Pública Municipal Cera Coralina"
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da
UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora

Patrícia Varandas Vargas de Faria, matrícula nº 23218F8MP18 e
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Kelly Castelo Branco da Silva Melo.

Autorizo a captação, utilização, reprodução e divulgação da minha imagem e voz,
por meio de fotografias, gravações audiovisuais e sonoras, exclusivamente para fins
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo defesas de dissertação, apresentações
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade;
2. Tenho o direito de revogar esta autorização a qualquer momento, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói, 18/11/2025

Assinatura do(a) participante: x [assinatura]

Assinatura da pesquisadora responsável:

[assinatura]
Nome: Patrícia Varandas Vargas de Faria
E-mail: patriciavarandas@gmail.com.br
Telefone: (21) 991965973

Assinatura do(a) orientador(a): _____

Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240
Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

Termo – 6.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Edna Soares Paixão,
portador(a) do RG nº 30.632.451-3 e CPF nº 032.111.807-37,
residente à Rua Joaquim Távora 28/901, Icaraí,
na cidade de Niterói, declaro, para os devidos fins, que
autorizo o uso da minha imagem e/ou voz na pesquisa intitulada:

“Entre Páginas e Agulhas: Inovações Criativas da Bib^o Pub municipal
desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da
UNIRIO, sob responsabilidade da pesquisadora Cora Coradine”

Patrícia Javandras Jansen de Faria, matrícula nº 23218P8M P.168
orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Kelly Carlos Branco da Silva Melo

Autorizo a captação, utilização, reprodução e divulgação da minha imagem e voz,
por meio de fotografias, gravações audiovisuais e sonoras, exclusivamente para fins
acadêmicos, científicos e educativos, incluindo defesas de dissertação, apresentações
em eventos, publicações e relatórios de pesquisa.

Declaro estar ciente de que:

1. A utilização do material será feita **sem fins lucrativos e resguardando minha integridade e dignidade**;
2. Tenho o direito de **revogar esta autorização a qualquer momento**, mediante solicitação formal à pesquisadora responsável;
3. A minha participação é **voluntária e não implica em qualquer ônus ou remuneração**;
4. O uso do material se restringe aos objetivos explicitados acima e à vinculação com o projeto de pesquisa aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO**.

Por ser expressão de minha vontade, firmo o presente termo em duas vias de igual teor, ciente de seu conteúdo e de meus direitos.

Local e data: Niterói, 13/11/25

Assinatura do(a) participante: Edna Soares Paixão

Assinatura da pesquisadora responsável:

Patrícia Jansen
Nome: Patrícia Javandras Jansen de Faria
E-mail: patriciajansen2@gmail.com
Telefone: (21) 991965973

Assinatura do(a) orientador(a): _____

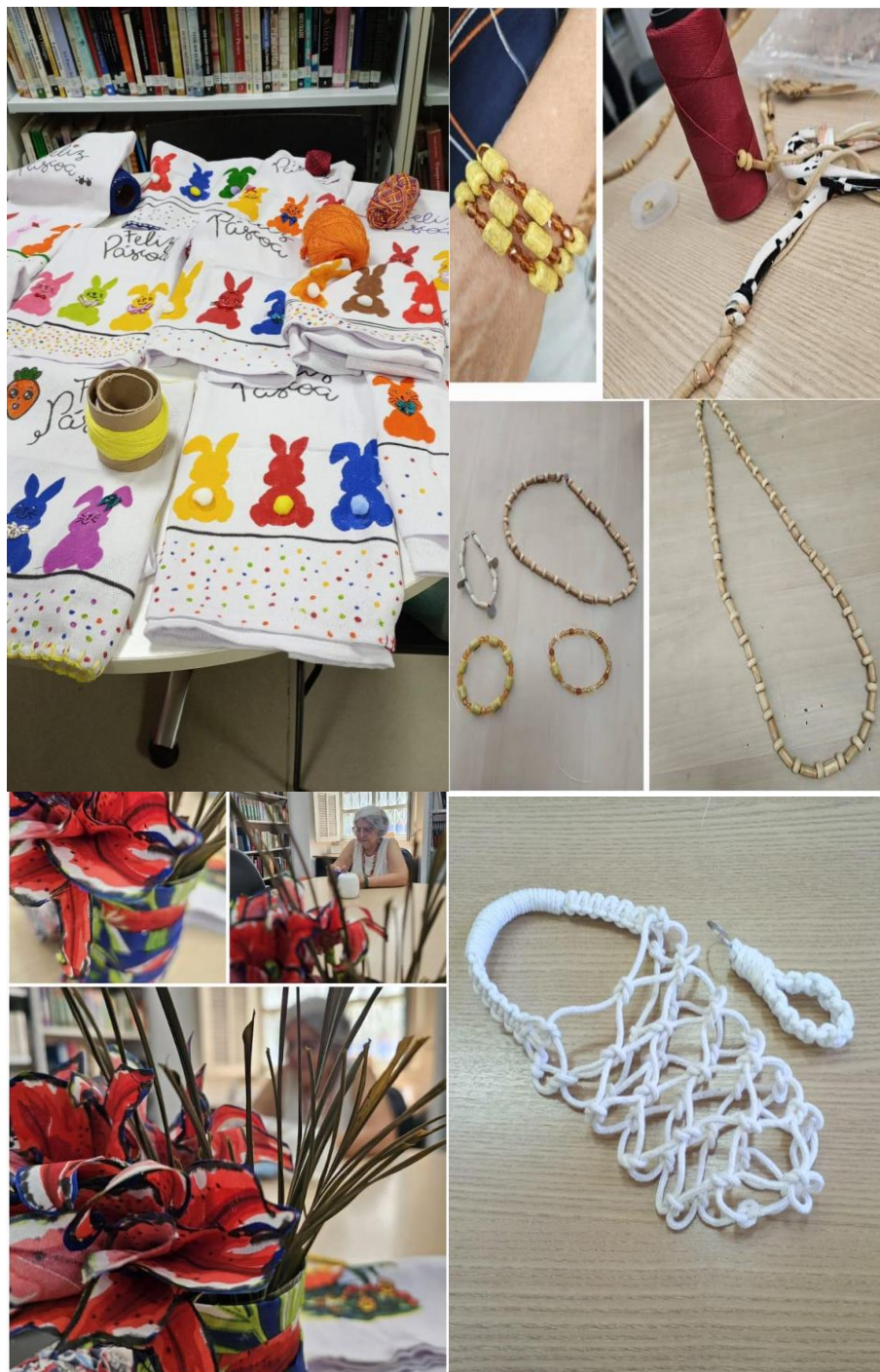
Nome: _____

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

Av. Pasteur, 458 – Urca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 22290-240

Site: <https://www.unirio.br/ppgb>

ANEXO C - Produções das Oficinas.**Produção – 1.**

Produção -2.

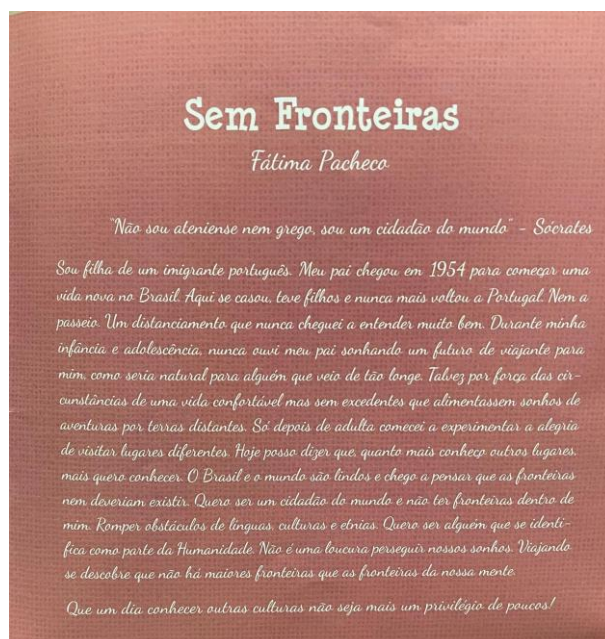
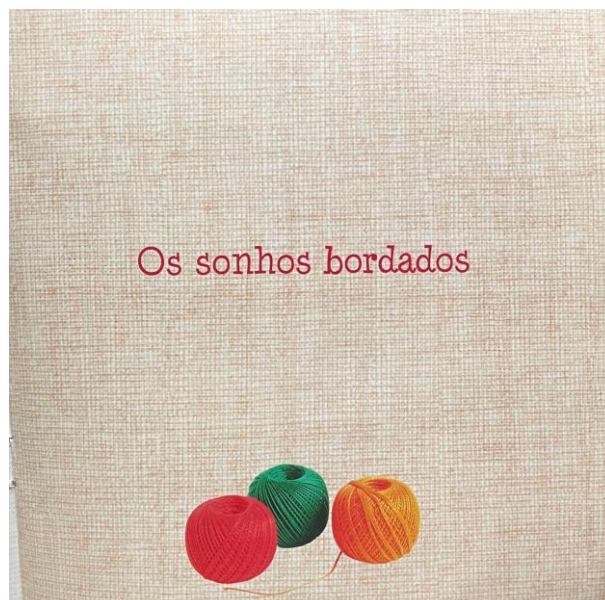


Produção – 3.



ANEXO D - Algumas fotos do livro de pano depois de editado.

Fotos do livro – 1.



Fotos do livro – 2.



Recomeço

Mônica Torres de Abreu

A vida seguia aparentemente tranquila...

Sempre fora uma criança esperta, ligada em tudo, preocupada.

Cresceu seguindo o fluxo. O tempo passou. As portas da vida se abriram.

Casou. Tive filhos. Continuava seguindo o ritmo. Trabalhava muito. Desejava uma vida estável.

O imprevisível e o não programado a incomodavam.

Continuava seguindo...

Um dia, o corpo que já não aguentava as pressões externas não suportou: implodiu!

Tudo virou do avesso. Não tinha mais forças para continuar a caminhada.

Tudo rodava e rodava. As sensações esquisitas iam e vinham. Não tinham fim.

O tempo foi passando, com a ajuda do núcleo familiar, ela foi conseguindo voltar. Já respirava pausadamente. As coisas foram voltando à sua cor original.

O mundo ao seu redor foi ganhando forma novamente.

A caminhada continuava.

Hoje, seus passos já são mais seguros. Limita os abusos sem noção. Diz --- não.

A vida segue realmente tranquila.

Arvores, flores, água, terra, céu, e ar. Tudo o que importa no seu devido lugar.

Em busca apenas das energias positivas, das coisas que realmente valem a pena.

A caminhada não pode parar!



Mônica Torres de Abreu

Delicada, detalhista, deixa evidente que tudo que faz o faz com perfeição e sem pressa em acabar. É um detalhe: até chegar ao espaço da Oficina, nunca havia pegado em agulha e linha para bordar. Imaginamos que a convivência com a diversidade, num local tranquilo, desprovido de cobranças e longe do estresse do dia a dia, certamente deve ter ajudado Mônica a encontrar ali o seu bem-estar. Assim, não só aprendeu o arte de bordar, como criou uma marca em seus bordados, permitindo que sabemos identificá-los ao observarmos a delicadeza com que os pontos atravessam o tecido.

Andréa Meirelles dos Reis Almeida

Pedagoga aposentada do município de Itaberê, pessoa solidária, aceitou de pronto o convite da amiga Mônica para se inscrever na nossa oficina de Leitura e Bordado. Tanto como a amiga, não sabia bordar, e hoje o faz muito bem, com uma serenidade e alegria dos tempos de criança. Por seu trato conosco, Andréa demonstra possuir um coração que transborda amor, como um bolo de ovo que cresce além da forma. Interessada, já pergunta pela próxima oficina.



Líliã Maria Pedro

Escolhida pelo grupo para ensinar a bordar. Vem da periferia da cidade, onde mora e, por conta da violência dos dias de hoje, precisa voltar para casa antes que escureça. Mulher simples, mas dedicada e corajosa, construiu sua casa virando massa e assentando tijolos, voltou a estudar depois dos três filhos criados, frequentando o curso noturno da Escola Estadual Manoel de Abreu, o chamado Educação de Jovens e Adultos - EJA. Literalmente, pinta e borda, cansada, quer aprender sempre, mas e aprende a fazer tudo que quer. Neste processo de construção do livro bordado, ela foi a nossa mestre guia, a todas ensinar.



Patrícia Varandas

Quando por todos nós, tem por marcas a delicadeza, o companheirismo e a organização. Assim, lá estava ela durante todo o processo da Oficina de Leitura e Bordado, com sua alegria e seu sorriso franco, sempre abrindo espaços e buscando soluções. As bordadeiras têm muito que agradecer pelo importante trabalho por ela desempenhado.

